DESTAQUE ANDIFES de Jornalismo das IFES 2007 — Jornal da Ufra

UFG

ANO III Nº 20 JULHO / 2008

Jornal UFG

Impresso Especial
580/2004-DR/GT
UFG
CORREIOS

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

História, política e jornalismo nos 200 anos de imprensa no Brasil

Tecnologia didática facilita aprendizagem
(pág. 5)

Extensão garante cursinho gratuito
(pág. 6)

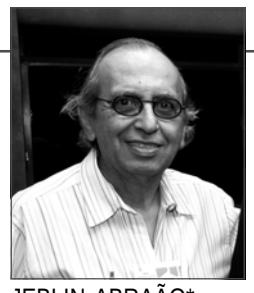
Estudos sobre concreto são destaque
(pág. 9)

A imprensa foi instalada oficialmente no Brasil em 1808 com a vinda da família real. Desde então o jornalismo está intrinsecamente relacionado com a própria história do país, com as relações políticas, econômicas, de poder. Os 200 anos de imprensa no Brasil e os 40 anos do curso de Jornalismo da UFG foram temas da mesa-redonda, que discutiu também a modernização da imprensa e a formação profissional do jornalista. **(págs. 10 a 12)**

Cultura e arte

O mês de junho na UFG foi marcado por atrações culturais, que consolidam a instituição como uma das promotoras das artes no estado de Goiás. A música foi representada pela Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais (foto), do Rio de Janeiro (pág. 2), a literatura e o cinema pelo escritor e cineasta angolano Ondjaki (pág. 15), e a ópera, que congrega o canto, a orquestra e o teatro, pelo I Goiânia Opera Festival (pág. 16).

EDITORIAL



JEBLIN ABRAÃO*

Avanços e desafios da gestão de pessoas na UFG

A criação do Banco de Professor Equivalente (BPEqui) pelos Ministérios da Educação (MEC) e do Planejamento (MP), em 2007, trouxe uma nova perspectiva para a gestão de recursos humanos nas Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes).

O principio básico do novo conceito é que o recurso para manutenção do quadro de docentes ativos de uma Ifes é constante, independentemente da sua composição. A regra usada para contabilizar o BPEqui é ponderada a partir do regime de trabalho dos professores: o professor com Dedicação Exclusiva equivale a 1,55, o regime de 40h tem o peso 1, o professor de 20 h tem peso 0,5 e o professor substituto, independentemente do seu regime de trabalho, tem peso 1.

Uma vez estabelecido o quantitativo do BPEqui, a UFG pode administrá-lo de maneira autônoma, ao conjugar a existência de códigos de vagas e a operacionalização do seu banco. Para constar, em dezembro de 2007, a UFG ofereceu 88 vagas de docentes para concurso público nas unidades acadêmicas dos câmpus de Goiânia.

Além dessas vagas, o MEC autorizou o provimento de mais 85 cargos de docentes, destinados aos câmpus de Goiânia, Catalão e Jataí. Ou seja, no primeiro semestre, a UFG realizou concursos públicos para provimento de 173 cargos de professores. Assim, a UFG renovará perto de 14% do quadro de professores efetivos; dos novos, mais de 75% são doutores e os demais, mestres.

As consequências dessa renovação serão imediatas em toda a UFG, repercutindo na qualidade da graduação e pós-graduação, na criação de novos cursos, no fomento à pesquisa, na aprovação de novos projetos e na captação de recursos em várias áreas de atuação.

A criação do Banco de Professor Equivalente trouxe à pauta de reivindicações dos gestores, administradores e lideranças das Ifes ao Governo Federal, a necessidade de criar mecanismo semelhante para a carreira de sevidores técnicos-administrativos em Educação (TAE). Tal medida garantirá a gestão mais independe também no âmbito dessa categoria de servidores.

A UFG está em fase de conclusão do processo de reposição de 100 TAEs em Goiânia, 20 para Catalão e 20 para Jataí. A contratação desses novos servidores deve amenizar as carências na área administrativa da UFG, mesmo sendo ainda insuficiente para atender a totalidade das demandas atuais.

A capacitação do quadro dos TAEs vem sendo conduzida pelo Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos (DDRH) com base no princípio do "diálogo e articulação entre a perspectiva pessoal e institucional de desenvolvimento profissional", que consta na Carta de São Paulo do I Seminário de Capacitação de Pessoal das Ifes/setembro 2007. Em consonância com essa visão, a UFG está concluindo, paralelamente às dezenas de outros cursos de capacitação, duas turmas de especialização em Gestão Pública. O sucesso desse curso estimulou o DDRH a desenvolver novos projetos de pós-graduação.

Ao preocupar-se com a gestão de recursos humanos, a UFG demonstra mais uma vez como sua proposta vincula o ensino à pesquisa e envolve toda a comunidade universitária no planejamento e na execução de suas ações.

Jeblin Antônio Abraão
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional
e de Recursos Humanos

CÂMPUS EM FOCO

TV UFG firma acordo com a Assembléia Legislativa

A Universidade Federal de Goiás (UFG), por intermédio da Fundação Rádio e Televisão Educativa e Cultural (RTVE), firmou acordo com a Assembléia Legislativa do Estado de Goiás para cooperação técnica e uso compartilhado do canal 14. A Assembléia Legislativa disporá de horários na grade de programação para transmitir sessões e programação educativa. Em contrapartida, porá à disposição da UFG estrutura de produção e pessoal de apoio . O início das transmissões em sinal aberto está previsto para setembro.

Carlos Siqueira

Livro discute relação entre mídia e política

O livro *Mídia e política,* de autoria da professora Heloísa Dias Bezerra, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás (UFG), discute, numa perspectiva inovadora, esse tema. Publicado recentemente, ele integra a coletânea Goiânia em Prosa e Verso, da Secretaria Municipal de Cultura. A cientista política propõe uma renovação de conceitos e metodologias da área da comunicação política e introduz um novo conceito para explicar a performance dos atores políticos e sua relação com os meios de comunicação.

Divulgação

Banda encanta comunidade universitária

Carlos Siqueira

A Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais veio à UFG, no dia 18 de junho, emocionar a comunidade universitária. Mais de cem músicos realizaram, em frente à Reitoria, um espetáculo musical, que transitou do popular ao erudito. Atendendo ao convite da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFG, a comitiva de militares deslocou-se de Brasília, onde fazia apresentações, para prestigiar a universidade.

Composições como "O descobridor dos sete mares", "Asa -branca", "Aquarela do Brasil", o premiado tema do filme *O último dos moicanos* e até a famosa ária "Nessun Dorma" da ópera *Turandot* foram executadas por 90 instrumentistas acompanhados de um coro de 25 vozes. Os músicos-militares, de ambos os sexos, tem formação e aperfeiçoamento realizado no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, no Rio de Janeiro. A Banda se reconhece diferente das orquestras sinfônicas e bandas covencionais, graças a sua formação instrumental, que inclui madeiras, metais, percussão, cordas e gaitas escocesas, além de cantores solistas.

Jornal UFG

PUBLICAÇÃO DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ANO III – Nº 20 – JULHO 2008

ASCOM – Reitoria da UFG – Câmpus Samambaia
C.P.: 131 – CEP 74001-970 – Goiânia – GO
Tel.: (62) 3521-1310 /3521-1311 – Fax: (62) 3521-1169
www.ufg.br – imprensa@reitoria.ufg.br – www.ascom.ufg.br

Reitoria
Reitor: Edward Madureira Brasil; **Vice-reitor:** Benedito Ferreira Marques; **Pró-reitora de Graduação:** Sandramara Matias Chaves; **Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:** Divina das Dores de Paula Cardoso; **Pró-reitor de Extensão e Cultura:** Anselmo Pessoa Neto; **Pró-reitor de Administração e Finanças:** Orlando Afonso Valle do Amaral; **Pró-reitor de Desenvolvimento Institucional e Recursos Humanos:** Jeblin Antônio Abraão; **Pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária:** Ernando Melo Filizzola.

Jornal UFG
Assessor de imprensa e editor-geral: Magno Medeiros; **Editora executiva:** Silvana Coleta Santos Pereira; **Editora assistente:** Silvânia de Cássia Lima; **Conselho Editorial:** Angelita Pereira, Goiamérico Felício Santos, Maria das Graças Castro, Silvana Coleta Santos Pereira, Venerando Ribeiro de Campos, Mercês Pietsch Cunha Mendonça; **Suplentes:** Valéria Maria Soledade de Almeida e Ellen Synthia Fernandes de Oliveira. **Revisão:** Maria José Soares; **Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Cleomar Gomes Nogueira; **Fotografia:** Carlos Siqueira, **Repórter:** Maria Glória; **Equipe administrativa:** Amália Magalhães e Leny Borges. **Bolsistas:** Allan Kardec Braga (design gráfico); Vinícius Batista (fotografia) e Ana Paula Vieira, Ana Flávia Alberton, José Eduardo Umbelino, Katiéllen Bonfanti, Lutiane Portílho e Pedro Ivo Freire (Jornalismo).

Impressão: Centro Editorial e Gráfico da UFG (Cegraf)

“Minha experiência na Pró-reitoria de Extensão me credenciou a ser reitora da UFG”

Entrevista: Maria do Rosário Cassimiro
por **Maria Glória**

Vinícius Batista

Professora emérita e ex-reitora da Universidade Federal de Goiás, entre 1982 e 1986, a pedagoga e doutora em Educação, Maria do Rosário Cassimiro, professora aposentada da Faculdade de Educação, cita a criação dos *campi* avançados como sua maior realização. Para ela, as unidades de Jataí e Catalão, por exemplo, foram duas “boas sementinhas plantadas” na década de 1980, que hoje têm potencial para se tornar universidades.

A senhora entrou para a Universidade Federal de Goiás na época do regime militar. Como foi esse momento dentro da instituição?

Cassimiro – Entrei, por meio de concurso, para a universidade para ser professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1967. Logo depois fui eleita chefe do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Filosofia. Em 1968, a UFG passou por mudanças significativas, provocadas por uma grande reforma universitária nas instituições de todo o Brasil. Foram mudanças positivas, com reflexos até os dias de hoje. A implantação da Faculdade de Educação e a criação dos institutos básicos – como Ciências Humanas e Letras, Química e Geografia, Matemática e Física, Ciências Biológicas – são bons exemplos da herança dessa reforma. Hoje, alguns desses institutos se transformaram em faculdades. Outras importantes mudanças trazidas pela reforma de 68 foram a criação dos cursos de doutorado e mestrado (só existiam anteriormente cursos de especialização) e a extensão universitária. Foi uma reforma feita por especialistas de altíssimo nível e mudou completamente a vida das universidades brasileiras. Por isso, ela perdura até hoje – olha quantos anos se passaram! Acredito que reforma universitária como esta ainda não houve no Brasil.

Qual era a função do Departamento de Administração Escolar?

Cassimiro – Foi nesse departamento, em que fui chefe, que foi feita toda a organização da nova Faculdade de Educação. O currículo do curso foi feito na minha mesa, com a minha participação. Eu sou uma das fundadoras dessa unidade da UFG. Logo depois, deixei o departamento e assumi a presidência da Comissão Permanente de Tempo Integral e Dedicação Exclusiva (Copertide).

O que tratava a Copertide?

Cassimiro – Essa era uma comissão muito importante que havia dentro da universidade. Até 1968 o professor universitário era contratado somente para um regime de 12 horas semanais de trabalho. Os regimes de trabalho de 20 e 40 horas e de dedicação exclusiva foram instituídos também com a reforma universitária de 68. Essas cargas horárias eram cumpridas por professores que faziam pesquisa ou se dedicavam a outras atividades além das aulas. A Copertide cuidou de todo esse pessoal. Na época, a comissão administrava uma verba que era especialmente destinada ao pagamento dos professores que se enquadravam nesses três regimes. Os outros profissionais eram pagos pelo departamento de pessoal. A Copertide era, enfim, muito importante e poderosa, pois lidava com muito dinheiro – ou seja, mais da metade do recurso de que a universidade dispunha para o pessoal docente.

Além da experiência vivida na comunidade universitária local, a senhora participou ativamente também de projetos de extensão, fora do estado. Como foi esse período?

Cassimiro – Minha experiência fora da UFG começou quando assumi a presidência do Grupo Tarefa Universitária (GTU), logo depois de deixar a Copertide. O GTU desenvolvia um trabalho junto com o Projeto Rondon. Esse projeto mantinha uma rede de 21 *campi* avançados espalhados pelo Brasil inteiro. Um deles era o de Picos, no Piauí, que foi entregue à responsabilidade da Universidade Federal de Goiás. Apesar da distância, esse foi um dos trabalhos mais maravilhosos que a universidade já realizou. Foram 12 anos de trabalho dentro desse projeto - extinto no Governo Sarney. Durante 12 anos, a UFG levou ao Piauí dezenas de estudantes, dos últimos anos, de vários cursos, para fazer estágios em programas organizados de acordo com os departamentos. Eram estudantes de Medicina, Odontologia, Farmácia, Enfermagem, Nutrição, Educação, Música, Veterinária, Agronomia etc. O Ministério do Interior participa ativamente dessa história, financiando as passagens do pessoal que saía daqui e ia para Picos. Já a manutenção do *campus*, na cidade, era de responsabilidade do próprio Projeto Rondon.

“Entrava, então, muito dinheiro por intermédio dessa pró-reitoria. E onde está o dinheiro está o poder. Então, me tornei uma Pró-reitora muito forte”

O trabalho desenvolvido pelos professores e estudantes da UFG no Projeto Rondon surtiu efeito na comunidade local?

Cassimiro – Na área de Educação, há um bom exemplo do resultado do projeto: a maioria dos professores de Picos, das redes pública e privada, passou pelo curso de atualização ministrado por nós, da universidade. Também na área da saúde e da agropecuária foram muitos os benefícios feitos pela UFG naquela região. Mas, infelizmente, a iniciativa não perdurou. A recém criada Universidade do Piauí, herdeira do programa, preferiu não dar continuidade ao projeto e tudo morreu. Foi uma lástima ter acabado tudo aquilo. Sinceramente, não conheço outro trabalho da época mais importante do que aquele. Um saldo pessoal e positivo do Projeto Rondon: a minha experiência dentro dele me credenciou ser a primeira Pró-reitora de Extensão da UFG.

Como a senhora aplicou a experiência vivida no Projeto Rondon à UFG?

Cassimiro – O grande mérito dessa pasta é a criação dos *campi* avançados nas cidades de Catalão, Jataí, Porto Nacional e Firminópolis. Os quatro foram criados na minha gestão, como Pró-reitora e reitora, e me considero mãe desses *campi* avançados da UFG. Eles foram sementes muito boas, que eu me orgulho de ter lançado em Goiás. As unidades de Catalão e Jataí, hoje, têm tudo para virar universidade. O *campus* de Porto Nacional passou, posteriormente, aos domínios do então recém-criado estado do Tocantins. Todo o seu patrimônio, bens móveis e imóveis, organizado por nós, ficou com o novo Estado. Depois que deixei a Pró-reitoria de Extensão, a UFG criou uma extensão em Rialma, mas já acabou.

Como o nome da senhora surgiu para concorrer ao cargo de reitora da UFG?

Cassimiro – Mais uma vez a minha experiência de trabalho me credenciou. Dessa vez, para o mais alto posto dentro da universidade, o de Reitora. A Pró-reitoria de Extensão, na época, era muito forte. Eram muitas as atividades de extensão realizadas aqui dentro de Goiânia e fora também. Nós tínhamos muitos convênios com empresas que pagavam para realizar atividades de extensão. Entrava, então, muito dinheiro por intermédio dessa pró-reitoria. E onde está o dinheiro está o poder. Então, me tornei uma Pró-reitora muito forte. Por conta desses convênios eu podia contratar pessoal para trabalhar. Acabei tendo um prestígio muito grande dentro da universidade e no Ministério da Educação. Eu era uma pessoa, sem falsa modéstia, muito prestigiada dentro desse meio. Foi por tudo isso que meu nome entrou na lista dos indicados para o cargo. Antes disso, a lista era tríplice. Para ficar mais democrático e ter mais opção de escolha, ela passou a ter seis nomes. Foi, enfim, muito fácil. Fui conduzida quase naturalmente ao posto de Reitora. Em 1981, passei pela eleição direta e indireta, realizada pelos conselhos de Ensino e Pesquisa, Universitário e Curador. Esses três conselhos, reunidos, indicaram os nomes dos candidatos e enviaram a lista sêxtupla para o Ministério da Educação, responsável, na época, pela indicação dos reitores das universidades federais. O meu nome foi o escolhido para a UFG. Em 1982, assumi o cargo, em que permaneci até 4 de janeiro de 1986.

A senhora foi a primeira mulher a assumir o cargo de reitora no Brasil, justamente no governo militar – considerado conservador e machista. Como a senhora avalia essa nomeação?

Cassimiro – Em 1981, ocorreu a primeira experiência de eleição direta dentro da universidade. Foi, na verdade, uma eleição oficiosa e não oficial, pois, prevalecia ainda o poder dos três conselhos superiores, que eram os responsáveis, legalmente, pela escolha da lista tríplice de reitores. Na eleição direta eu me candidatei e fui bem votada entre os candidatos. E fui também a escolhida – entre os seis nomes – pelo então presidente João Figueiredo. A escolha causou a maior sensação. Virei notícia, saindo em veículos de grande circulação nacional, como os da Globo. Pois pairavam dúvidas sobre o fato do Presidente da República e do ministro da Educação, ambos generais, terem escolhido uma mulher para ser reitora. Apesar de considerados machistas, os militares nomearam, ainda, outra mulher, a Esther de Figueiredo Ferraz, que foi a primeira ministra de Estado no Brasil, na pasta da Educação. Os fatos provaram que os militares não eram assim tão machistas como diziam.

Quais os pontos destacados da sua gestão como reitora?

Cassimiro – A minha gestão foi, no geral, positiva. Nós assinamos um convênio com o BID, que era chamado MEC/BID III. Por meio dele, foram carreados mais de 16 milhões de dólares para a universidade. O recurso foi destinado à construção de prédios, compra de equipamentos, realização de cursos de treinamentos para professores e funcionários. Foi uma época de muitos recursos financeiros. Uma época de grandes realizações no campo da extensão universitária. E esse dinheiro do BID foi administrado na minha gestão e também na administração do professor Joel Ulhôa, que me sucedeu.

Bolsas Luso-Brasileiras Santander Universidades

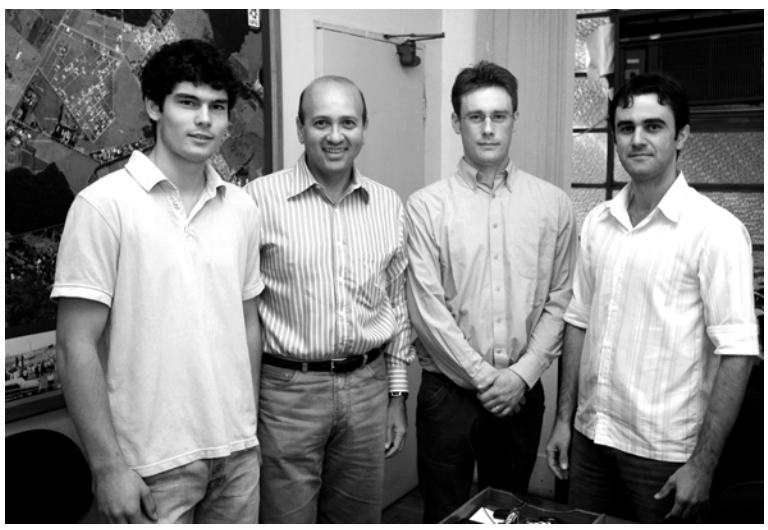
A Universidade Federal de Goiás assinou convênio com o Banco Santander para o Programa de Bolsas Luso-Brasileiras Santander Universidades. O banco concederá dez bolsas no valor de 3.300 euros para estudantes de graduação da UFG. Os estudantes selecionados realizarão seis meses de estudos em universidades de Portugal, já no segundo semestre deste ano. Para a oficialização da parceria, esteve presente na universidade o responsável pelo Programa Santander Universidades, Marcelo Mello de Azevedo Vulcano, que falou sobre as ações da instituição ligadas à área acadêmica.

Carlos Siqueira

Intercâmbio entre Brasil e França

Entre os meses de junho e julho, chegaram à UFG seis alunos franceses, que são participantes dos Programas Brafitec e Brafagri, de cooperação bilateral Brasil-França. Esses programas apoiam pesquisas em especialidades das engenharias e das ciências agrárias e são coordenados, respectivamente, pelos professores da Escola de Agronomia Robson Maia Geraldine e Larissa Leandro Pires.

Pelo mesmo programa, a EA e a Coordenação de Assuntos Internacionais (CAI) selecionaram seis alunos da UFG que ficarão um ano na França, realizando estudos em uma das escolas da Fédération des Écoles Supérieures d'Ingénieurs en Agriculture (FESIA). Dos estudantes selecionados, três cursam Agronomia e os demais, da Engenharia de Alimentos.


Vinicius Batista

Estudantes PEC-G em conferência internacional

Os estudantes da Universidade Federal de Goiás, que fazem parte do Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G), participaram do 2º Seminário Internacional do PEC-G, na Universidade Federal de Uberlândia, entre os dias 28 e 30 de maio.

O tema "Meu país: razão de estar aqui" foi escolhido pelo Ministério de Relações Exteriores (MRE) no intuito de discutir a inserção dos egressos do PEC-G em seus países de origem. O evento visava estimular a adesão de novos alunos, a formação para a inclusão e o desenvolvimento dos países da África, e apresentar os avanços identificados na difusão e na seleção de alunos do PEC-G.

Além da apresentação de trabalhos, os estudantes da UFG ministraram oficina de penteado e declamaram poesia. Participaram do evento cerca de 300 estudantes universitários, professores, pesquisadores, coordenadores do PEC-G e assessores internacionais.

O PEC-G é um programa de cooperação entre Brasil, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe que atende 1.941 estudantes em 84 instituições de ensino superior.

Mobilidade docente leva professor à Espanha

O professor Hélio Cantalício Serpa, do Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia (FCHF) esteve na Universidade de Salamanca, na região espanhola de León, por três meses. O principal objetivo do intercâmbio foi colher subsídios para sua pesquisa sobre a Guerra Civil Espanhola. Ele estuda sobre a Maçonaria sob o regime franquista, estabelecendo uma comparação com o Governo Vargas (1937 a 1945). Na oportunidade, também realizou seminários para alunos de graduação e pós-graduação de áreas de História e Geografia e intermedia proposta de convênio entre os programas de pós-graduação em História de ambas as instituições.

Carlos Siqueira

Sua ida à Espanha, no período de novembro de 2007 a fevereir de 2008, foi possível graças ao programa de mobilidade de docentes brasileiros, com bolsa pela Fundação Carolina do governo espanhol.

Carlos Siqueira

Pesquisadores franceses visitam a universidade

A professora Maria Geralda de Almeida, do Instituto de Estudos Sócioambientais (IESA) teve projeto contemplado com apoio financeiro da Agência Nacional de Pesquisa Francesa, dentro do Programme Sciences Humaines et Sociales: Les Suds Aujourd'hui. O projeto será desenvolvido em conjunto com as pesquisadoras do Institut de Recherche pour le Developpement (IRD), Catherine Aubertin e Florence Pinton, que estiveram na UFG no começo de junho, para dar início aos trabalhos.

Estiveram na UFG o representante do IRD no Brasil, Dr. Jean-Loup Guyot, que apresentou os principais programas de pesquisa do IRD no país e o pesquisador Dr. Jean-Michel Martinez, que falou sobre uso de imagens MODIS-MERIS para monitorar a qualidade das águas dos grandes rios e lagos.

Parceria entre *Ohio State University* e UFG

Carlos Siqueira

As professoras Vesta Daniel e Christine Balengee Morris, acompanhadas de dez pós-graduandos do Programa *Art Education,* da *Ohio State University* (OSU), EUA, realizaram atividades acadêmicas na UFG durante o mês de junho. Ambas as professoras proferiram palestra no I Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual, que ocorreu de 9 a 11 de junho na Faculdade de Artes Visuais (FAV), e a professora Vesta participou do III Seminário de Educação da Arte: Desafios Contemporâneos e Possibilidades, organizado pela Secretaria de Educação do Estado de Goiás. O grupo participou também de oficinas e aulas de graduação e pós-graduação na Faculdade de Artes Visuais e no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação.

Guia do Estudante Estrangeiro

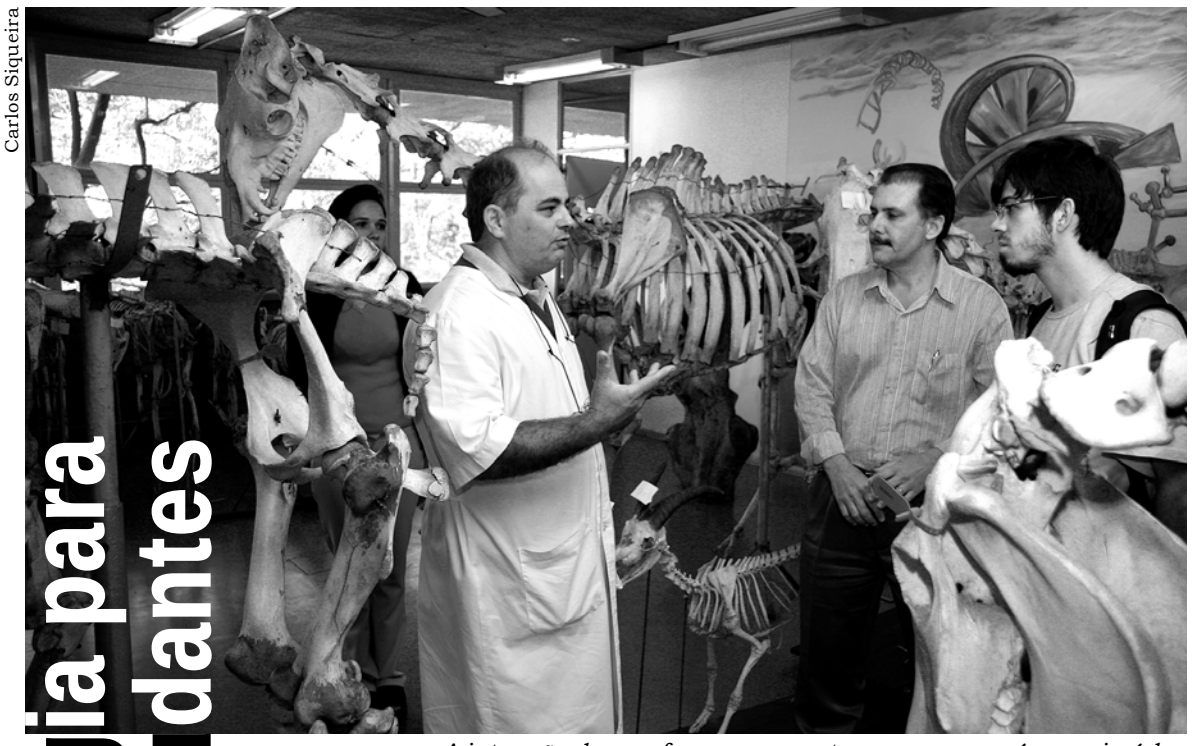
A Coordenadoria de Assuntos Internacionais (CAI) lançou o *Guia do Estudante Estrangeiro* em português, inglês, espanhol e francês. A publicação está disponível *on-line* e é de suma importância como material de apoio de amplo alcance na divulgação da instituição, especialmente no estímulo ao intercâmbio. O guia pode ser acessado pelos endereços eletrônicos www.ufg.br e www.cai.ufg.br .

Morfologia para estudantes

Projeto de destaque na extensão promove visitas escolares ao Museu de Morfologia da UFG, que ajudam no aprendizado de alunos de Biologia do Ensino Médio

Textos: **Pedro Ivo Freire**

Carlos Siqueira



A intensão dos professores que atuam no museu é aproximá-lo ainda mais da comunidade

O estudo da Morfologia está mais acessível aos alunos. Com um acervo de mais de 50 esqueletos de diversas espécies de animais silvestres, casos de malformação humana e animal e maquetes de funcionamento do corpo, o Museu de Morfologia (MM) da UFG atende, às sextas-feiras, turmas de estudantes do Ensino Médio de escolas públicas e particulares, com o objetivo de auxiliar no ensino de Biologia, com enfoque em Anatomofisiologia.

A iniciativa é do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), sob a responsabilidade do Departamento de Morfologia (DMORF). As visitas ao museu integram as atividades dos projetos "A comunidade vai à UFG" e "Conhecendo a UFG", que funcionam há mais de dez anos.

Quando foi criado, em 1975, o museu funcionava somente como um acervo de preservação de coleções de esqueletos, peças anatômicas humanas e de animais que figuravam como material de reserva, para o atendimento dos cursos de graduação da área de Biologia. Foram também incluídos nesse acervo exemplares anatômicos que apresentavam alguma variação ou anomalia.

Após alguns anos, já reunido um conjunto significativo de peças, surgiu a idéia de abrir o museu para a visitação da comunidade. Coleções das peças do museu são mostradas também em exposições didáticas. Atualmente, os professores Paulo Roberto de Souza, Fabiana Ribeiro da Mata e João Roberto da Mata estão à frente do projeto. A montagem, manutenção e conservação das peças são feitas por técnicos do ICB.

Segundo o coordenador do MM, Paulo Roberto, as visitas escolares do Ensino Médio têm mostrado bons resultados. "Muitas turmas, depois da primeira visita, retornam. A visita também ajuda os alunos a decidir sobre a sua profissão na área das Ciências Biológicas".

Mas não só estudantes do Ensino Médio visitam o MM. "Trazemos também os nossos alunos de primeiro ano para cá. Assim, o que falamos em sala de aula, podemos reforçar mais ainda aqui", explica a professora Fabiana Ribeiro da Mata, coordenadora do projeto "A comunidade vai à UFG".

Antes de entrar no museu e ter contato com as peças em exposição, os alunos têm uma palestra sobre conduta e funcionamento do museu, ética e respeito. Eles têm oportunidade de conhecer ainda todas as etapas do nascimento humano, o funcionamento muscular, a disposição dos órgãos e os vasos sanguíneos.

As palestras que antecedem a visita ao museu têm um cunho educativo. "Falamos sobre a dengue, por exemplo, explicando seus sintomas através das peças do museu, o que facilita muito a compreensão, despertando para a prevenção", esclareceu o chefe do Departamento de Morfologia da UFG, João Roberto da Mata.

Com a expansão da Universidade, o ICB ganhará um prédio exclusivo para estudos de anatomia, no qual o novo Museu de Morfologia funcionará, com mais peças e mais recursos. O objetivo dos professores do DMORF é ampliar ainda mais o acesso das escolas, melhorando também o serviço de empréstimos do museu: "Emprestamos peças para feiras de ciências e outras atividades escolares", informa Fabiana.

Quadro-negro nunca mais?

USO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA FACILITA A APRENDIZAGEM E AJUDA NO ENSINO DE INFORMÁTICA

Vinícius Batista

Os notebooks *auxiliam os estudantes durante as aulas*

Talvez o uso do quadro-negro na sala de aula esteja de fato com os dias contados. Uma iniciativa adotada pelo Instituto de Informática (INF) da UFG de mudar a metodologia do ensino de disciplinas oferecidas no curso de Ciências da Computação mostra que os métodos clássicos de ensino já não trazem resultados tão eficientes nas salas de aula, sobretudo se o conteúdo é programação de computadores.

A mudança consiste no uso de um laboratório de *Tablet,* inaugurado neste semestre com capacidade para turmas de 20 alunos. No laboratório utilizam-se *notebooks* e *softwares* interativos para aprimorar a forma de "anotar" as informações dadas pelo professor em sala de aula. É prevista, já a partir do próximo semestre, uma expansão para outros cursos além do de Ciência da Computação.

Para o professor, nada de escrever na lousa: com um *mouse* em forma de caneta (*mouse-pen*), ele escreve as informações diretamente na tela do seu computador, que é sensível ao toque (*touchscreen*). A imagem é transferida em tempo real para todos os *notebooks* da sala, de modo que os alunos possam anotar observações, salvar o arquivo com as explicações do professor ou tirar dúvidas com outros colegas.

O sistema, denominado *Tablet*, baseado em um *software* livre chamado *Classrom presenter*, desenvolvido na Universidade de Washington em 2006, ainda permite que o aluno envie para o professor as suas anotações e dúvidas para serem corrigidas. Se o professor desejar, ele ainda pode mostrar a dúvida de um dos alunos para todos em tempo real, fazer observações, acrescentar dados e corrigir exercícios.

O que é interessante nesse processo de envio de dúvidas é que ele é feito de forma anônima: o professor não sabe qual aluno da sala lhe enviou a pergunta. "Dessa forma, os alunos tímidos ficam mais à vontade para tirar dúvidas, já que acaba perdendo o medo de se manifestar em sala de aula", afirma um dos coordenadores do laboratório, Fábio Moreira Costa.

Início de tudo – A criação do laboratório faz parte de um conjunto de equipamentos doados à UFG por um programa internacional lançado anualmente pela *Hewlett-Packard* (HP) chamado *Technology for Teaching*, que visa apoiar a inovação tecnológica voltada para a área da educação e mudar a forma como o ensino e a aprendizagem se desenvolvem. O projeto é executado pelos professores Ana Paula Laboissière Ambrósio e Fábio Moreira Costa. O INF ingressou no programa em 2007 e foi uma das três instituições brasileiras selecionadas e contempladas com recursos. No total, foram cerca de R$ 115 mil, em equipamentos, auxílio de viagem e orçamento de custeio.

Atualmente o laboratório oferece nessa modalidade a disciplina de Algoritmos e Programação de Computadores para alunos de diversos cursos de graduação da Universidade.

Alunos mais interessados – Segundo o professor Fábio, ainda é um pouco cedo para avaliar as mudanças no ensino e na aprendizagem geradas pelo uso do *Tablet* em sala de aula, mas afirma que os alunos em geral responderam positivamente ao uso da plataforma. "Tenho observado que o aluno em sala de aula tem mais interesse, sai menos, o nível de freqüência é bom e a monitoria extraclasse também tem uma freqüência boa. Porém, como o computador dos alunos está conectado à internet, o fator distração ainda existe. De vez em quando alguém chama o garoto no MSN e ele vai mexer com outras coisas. Nesse caso, a cobrança dos colegas nos ajuda um pouco porque a maioria dos exercícios que passamos em sala é em grupo", afirma Fábio.

O laboratório de *Tablet* prima por usar uma metodologia híbrida baseada na prática do ensino clássico e de outra prática denominada PBL, que em português significa "Aprendizado Baseado em Problemas". Nessa metodologia, os alunos são expostos aos problemas propostos pelo professor e à partir daí, procuram soluções que, posteriormente, são revistas e corrigidas para que o conteúdo seja compreendido de forma mais completa. O objetivo é deixar o aluno mais livre para pesquisar sobre o problema, assumindo um papel mais ativo na aprendizagem de programação computacional.

Fotos: Vinícius Batista

A arte de um sonho

COMUNIDADE FAZ ARTE VESTIBULARES TEM O OBJETIVO DE AJUDAR PESSOAS COM MENOR PODER AQUISITIVO A INGRESSAR EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Lutiane Portilho

Vacuíra Félix Sabino sempre sonhou estudar em uma universidade pública. Mas, como o seu ordenado de um salário mínimo não permitia pagar um cursinho prévestibular por três anos, concorreu a uma vaga na Universidade Federal de Goiás (UFG) estudando sozinha em casa. Sempre era classificada para a 2ª fase, porém não conseguia a aprovação final. No ano passado, soube do projeto Comunidade Faz Arte Vestibulares e fez sua inscrição para ter um acompanhamento com os professores do projeto.

O Faz Arte existe desde 2005, mas só em 2007 tornou-se um projeto de extensão da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia (FCHF) da UFG. De acordo com o coordenador do projeto, Roberto Cunha Alves de Lima, o objetivo principal é ajudar pessoas com menor poder aquisitivo, principalmente as que moram nas imediações do Câmpus II da UFG, a ingressar nas universidades públicas e afirma que as ações do projeto estão centradas na discussão sobre a democratização do ensino superior. De acordo com o professor, o envolvimento da comunidade com o projeto foi algo bastante satisfatório e afirma que, na verdade, a força motriz do projeto são os alunos da universidade que participam dele.

O cursinho funciona sem sede própria. No ano passado as aulas eram dadas no Colégio Estadual Waldemar Mundim, localizado no Conjunto Itatiaia, que cedeu ao projeto duas salas, no período noturno. Este ano, as aulas começaram no dia 12 de maio e são ministradas em duas salas do curso de Ciências Sociais da UFG, com 50 alunos em cada turma.

Os alunos estudam de segunda à sexta-feira das 19h às 22h30 e, às vezes, são oferecidas revisões de conteúdos aos sábados de manhã. Vacuíra conta que teve de correr contra o relógio para conseguir estudar. Chegava do trabalho, cuidava dos três filhos e tinha de ser bem rápida para não chegar atrasada à escola. Diz que recebeu apoio de sua família e de seus amigos, que sempre apostaram no seu bom desempenho e na sua aprovação, que ocorreu este ano, para o curso de História no período noturno.

A demanda da comunidade pelas aulas do cursinho é grande. Leandro Almeida, aluno de Ciências Sociais e um dos professores, informa que, em 2005 foram 200 pessoas à procura do projeto, em 2007, quase 300 e, em 2008, foram 206 inscritos. Devido às dificuldades de espaço fisico, no ano passado, os coordenadores fizeram um sorteio de vagas. Inicialmente, chamaram 80 pessoas e, por causa da evasão, que Leandro afirma ser considerável, foram chamados mais 30 que estavam na lista de espera.

As apostilas que os alunos recebem são cedidas pela UFG e os professores do cursinho são os próprios alunos da universidade, contando também com a colaboração de alguns alunos da Universidade Estadual de Goiás (UEG) que se identificaram com o projeto. Fernando Viana, aluno de História é também um dos professores do cursinho e diz que o projeto pode ser chamado de "cursinho militante", já que o propósito é tornar universal o acesso ao ensino superior. Ele afirma que uma das maneiras é mudar o perfil de quem entra na universidade, dando plenas chances aos que são de camadas populares de concorrer a vagas.

Leandro e Fernando comemoram o andamento do projeto. Foram cinco aprovados em 2005 e em 2007, foram sete aprovados, sendo cinco alunas na UFG, uma na UEG e uma no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Ambos afirmam que o diferencial do projeto é a tentativa de as aulas fugirem do conteúdo maçante do vestibular. Para isso foi criada uma matéria chamada Espaço e Movimento, na qual a sociedade é estudada como um todo. Com essa nova matéria, de acordo com Fernando, discute-se com os alunos desde planejamento urbano até temas da antropologia.

Além do cursinho, o Faz Arte promove algumas atividades culturais juntamente com outros projetos. No fim do ano passado, houve apresentações musicais, peças teatrais e discussões sobre meio ambiente com crianças que moram próximos ao Câmpus II, em parceria com o projeto Pezinho de Jatobá. Foi promovida também uma semana interdisciplinar com os alunos do Colégio Waldemar Mundim, foram oferecidas oficinas de rádio livre e artes circenses. Ainda no colégio estadual, em parceria com o projeto de extensão Magnífica Mundi, houve algumas atividades para produção de audiovisual.

Enquanto Vacuíra alimenta expectativas com a faculdade, o coordenador do projeto diz que o momento é de fazer balanço. "Pensar no futuro, para ver se ele continua com o mesmo formato. Temos de democratizar o ingresso no ensino superior e o Faz Arte vai lutar para isso acontecer aqui na UFG", afirma Roberto. Vacuíra diz que quer aproveitar ao máximo o que a universidade tem a oferecer. Não vai ser fácil, ela afirma, pelo fato de ser mãe e trabalhar o dia todo, mas isso não a abala. "Meu grande sonho sempre foi estar aqui, não vou desistir na primeira dificuldade", finaliza.

Ensino e prestação de serviço

ATIVIDADES ACADÊMICAS NA FACULDADE DE ODONTOLOGIA GARANTEM QUALIDADE DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E ASSISTÊNCIA À SAÚDE BUCAL DA COMUNIDADE

Ana Paula Vieira

Criada em 12 de outubro de 1945, como Faculdade de Farmácia e Odontologia de Goiás, a Faculdade de Odontologia (FO) foi uma das unidades fundadoras da Universidade Federal de Goiás (UFG), incorporando-se a ela em 1960. Atualmente dispõe de um quadro docente de 52 professores, 34 deles doutores, 15 mestres e três especialistas, além de 42 técnicos-administrativos. A cada ano oferece 60 vagas no processo seletivo da UFG.

Localizada no Câmpus Colemar Natal e Silva (Câmpus I), a unidade divide uma área de 7.931,55 m² com a Faculdade de Farmácia. A FO dispõe de sete laboratórios – de Escultura e oclusão, Materiais dentários, Radiologia, Microscopia, Patologia, Prótese e Multifuncional – que atende disciplinas como Prótese, Dentística e Ortodontia. A unidade tem ainda quatro ambulatórios, três destinados à graduação, com 33 consultórios odontológicos cada um, e outro destinado à pós-graduação, com mais 14 cadeiras para atendimento.

Como explica o diretor da unidade, Gersinei Carlos de Freitas, os atendimentos em cada um desses mais de cem lugares, são feitos a quatro mãos. Dois alunos trabalham em equipe durante as disciplinas, em sistema de rodízio nas funções de operador principal e auxiliar, sempre supervisionados por um professor. Desse modo, na FO, o ensino integra-se à prestação de serviços: "Para fazer bem o ensino de Odontologia nós precisamos de pacientes", ressaltou Gersinei. Por meio de um convênio com o Sistema Único de Saúde (SUS), a faculdade recebe os interessados nos tratamentos, faz uma triagem e convoca-os de acordo com as necessidades das disciplinas.

De acordo com Gersinei, aproximadamente quatro mil pacientes são atendidos por ano na FO. Hoje, cerca de 300 pessoas aguardam sua vez na fila. São realizados procedimentos básicos, como higienização e controle de placa bacteriana, até tratamentos mais complexos, como prótese, implante, tratamento de canal, que obedecem a uma lógica didática: "Há uma ordem crescente de complexidade, por isso muitas pessoas não entendem a demora que por vezes ocorre", argumentou o diretor da FO.

Os atendimentos, realizados em disciplinas de diferentes especialidades, capacitam o aluno de graduação em Odontologia da UFG a desenvolver, quando formado, qualquer uma das áreas que estudou. "Ele sai com formação generalista, humanística e técnica, um clínico geral. Depois, se sentir necessidade, pode fazer uma pós-graduação, uma tendência da área da Saúde no mundo inteiro", destaca Gersinei. Segundo informa o diretor, na FO a graduação quase não sofre desistências. "Temos a sorte de ter uma clientela muito fiel, composta de alunos participativos e culturalmente evoluídos", afirmou. Em 2006 houve a implantação do novo currículo no curso, que, de acordo com Gersinei, ampliou a formação cultural do aluno, tornando o ensino mais humanístico.

Pós-graduação e extensão – A FO oferece ainda cinco cursos de especialização, em Prótese Dentária, Implantodontia, Ortodontia, Saúde coletiva em Odontologia e Odontopediatria e um curso de mestrado com área de concentração em Clínica Odontológica.

Atualmente a FO tem sete projetos de extensão cadastrados na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec), alguns deles considerados cursos de aperfeiçoamento, em áreas como dentística, estética, endodontia, já que tem carga horária menor que uma especialização. Segundo o diretor da unidade, eles são um complemento da graduação: "O aluno que integra esses projetos sai mais bem formado, porque às vezes teve a oportunidade de ver apenas um caso na graduação, e no aperfeiçoamento tem oportunidade de ver vários casos na mesma área".

Saúde bucal – O Centro Goiano de Doenças da Boca (CGDB) foi criado, na FO, em 1997, por iniciativa de alguns professores das áreas de Patologia, Estomatologia e Radiologia, todos com formação em Diagnóstico Bucal, com o propósito de pesquisar e diagnosticar e tratar as lesões da boca e manifestações bucais de doenças sistêmicas/infecto-contagiosas e o câncer bucal. O centro atende de segunda a sexta-feira, por meio de agendamento feito por telefone.

De acordo com o coordenador do centro, Elismauro de Mendonça, além da equipe altamente capacitada, formada por doutores na área, o CGDB ainda se destaca por ter o único laboratório especializado em Patologia Bucal da região Centro-Oeste, habilitado a realizar exames anatomopatológicos pelo SUS e também pela rede privada, com um custo mais acessível para a população**.**

O CGDB funciona com a participação de alunos da graduação (escolhidos por meio de um processo seletivo) e da pós-graduação, já que uma de suas funções é o aprimoramento do ensino nesses dois níveis, além da preocupação com a saúde da população. **"**O CGDB é mais um cenário de prática que tem proporcionado um diferencial na formação do cirurgião-dentista graduado na UFG", destacou Elismauro.

Segundo o diretor da FO, o CGDB prima pelo diagnóstico precoce. Certas lesões são identificadas e podem ser tratadas no próprio centro, mesmo no caso de alguns tipos de câncer, se estiverem em estágio inicial; do contrário, eles são encaminhados para o local adequado. "Muitas vezes o paciente vem com uma inflamação achando que é doença grave, e trata-se de uma simples falta de higienização, aí nós o orientamos", afirmou Gersinei. Essa confusão se dá por um fator destacado pelo professor Elismauro como um dos motivadores da criação do CGDB: "A população carecia dos conhecimentos do profissional da área de diagnóstico, pois a maioria dela desconhece que o profissional responsável pela prevenção, diagnóstico e tratamento das doenças da boca é o Estomatologista, uma especialidade da Odontologia".

Nas três últimas edições do Exame de Desempenho dos Estudantes (Enade) a FO obteve nota máxima. Agora a unidade aguarda o resultado da avaliação feita em 2007: "Não queremos perder colocações", avisa o professor Gersinei. Em 2004, a faculdade integrou o *ranking* das dez melhores do país. Seu atual diretor atribui a qualidade da FO ao seu corpo docente: "O maior destaque da unidade é o nosso corpo docente altamente capacitado, especializado, qualificado. É isso que enaltece nosso curso", elogiou.

Fotos: Carlos Siqueira

HC inaugura equipamento de ultra-sonografia

Parceria com o Instituto Avon amplia acesso de mulheres ao exame de ultra-som da mama, importante para o diagnóstico precoce do câncer mamário

Thalízia de Souza

O Hospital das Clínicas (HC) da UFG inaugurou, em junho, um moderno aparelho de ultra-som de mama, utilizado como exame complementar à mamografia. O equipamento foi instalado no espaço destinado ao Programa de Mastologia do HC, que atende mulheres com suspeita ou em tratamento de câncer de mama. O aparelho foi adquirido com recursos da campanha "Um Beijo pela Vida", do Instituto Avon.

Com o projeto, intitulado "Agentes comunitários de saúde e revedendoras da Avon: parceria na prevenção e detecção precoce do câncer de mama em Goiânia", o Programa de Mastologia do HC conquistou o prêmio da campanha do Instituto Avon 2007 e foi contemplado com R$ 160 mil. Com esse recurso, foram adquiridos o aparelho de ultra-som, no valor de R$ 80 mil, computadores, impressoras, um negatoscópio e, ainda, foi possível fazer a adequação do espaço físico da sala de ultrassonografia do Programa de Mastologia do HC.

Trata-se de um modelo Noemio XG, para a realização de exames de ultrassonografia e ecografia digital com *doppler* e também ultra-som transvaginal e de abdômen. Segundo o mastologista Régis Resende Paulinelli, o aparelho proporcionará mais benefícios ao tratamento das pacientes, pois o exame poderá ser realizado no momento da consulta, reduzindo o tempo de espera para o diagnóstico da doença. Também será possível aumentar o número de atendimentos que atualmente agenda de 20 a 30 exames por semana no HC.

Divulgação

Novo aparelho amplia número de atendimentos

O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais freqüente no mundo e uma das principais causas de morte de mulheres. Estimativa do Instituto Nacional do Câncer (Inca) do Ministério da Saúde prevê o aparecimento de quase 50 mil novos casos de câncer de mama por ano no Brasil. Desses, mais de 50% são detectados em estádios avançados (III e IV), ou seja, quando as chances de cura são bastante reduzidas, o que coloca o Brasil entre os países com as mais altas taxas de mortalidade pela doença.

Esses números poderiam ser muito diferentes, caso a doença fosse diagnosticada e tratada precocemente, quando as chances de cura chegam a 98%. Para isso, o Ministério da Saúde recomenda o exame clínico anual das mamas para mulheres a partir de 40 anos.

Divulgação

José Garcia Neto, diretor do HC; Edward Brasil, reitor da UFG; Nilza Alves e Jacqueline Lima (FEN); Lírio Cipriane, diretor-executivo do Instituto Avon; Marcelo Medeiros, diretor da FEN; Ruffo de Freitas Júnior, coordenador do Programa de Mastologia do HC, e Maria Cláudia Honorato, diretora do Departamento de Rede Básica de Goiânia

Inauguração – A inauguração do aparelho de ultra-som e a solenidade de entrega do prêmio foram realizadas no dia 6 de junho, antes do início do I Seminário sobre Câncer de Mama em Goiânia: Avanços e Desafios, promovido pelo Programa de Mastologia, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec) da UFG e do Instituto Avon.

Na ocasião, o diretor executivo do Instituto Avon, Lírio Cipriani, fez a entrega do cheque simbólico ao reitor da UFG, Edward Madureira Brasil. Estiveram presentes na entrega o coordenador do Programa de Mastologia, Ruffo de Freitas Júnior; o chefe do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia, Rui Gilberto Ferreira; o diretor- geral do HC, José Garcia Neto, além de residentes e acadêmicos do curso de Medicina e revendedoras da Avon.

"Desde março de 2003, o Instituto Avon trabalha em parceria com a rede pública, apoiando projetos em todo o país que buscam garantir a mulheres o acesso ao tratamento da doença", afirma Lírio Cipriani, diretor executivo do Instituto Avon. O reitor Edward Madureira Brasil agradeceu ao Instituto Avon por acreditar na UFG e disse que essa é uma importante conquista da Universidade, sempre preocupada em cumprir "seu papel social".

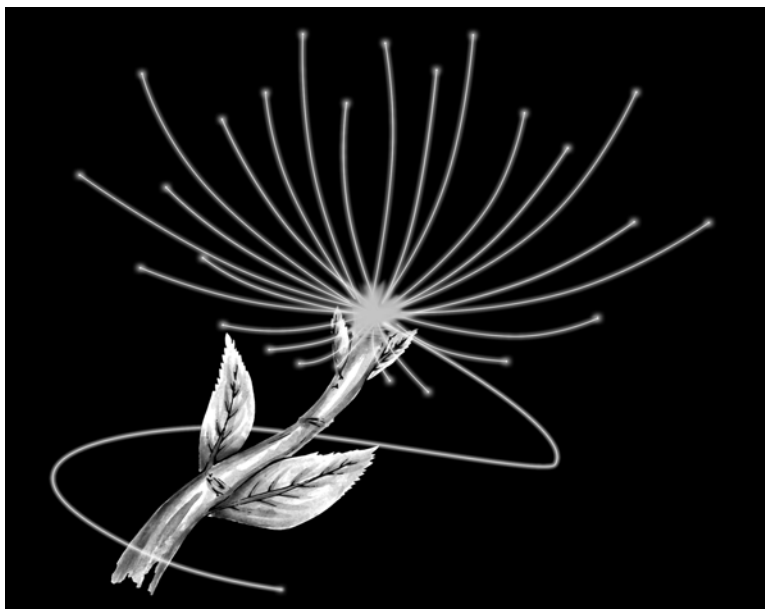
Para o coordenador do Programa de Mastologia do HC, Ruffo de Freitas Júnior, a parceria com o Instituto Avon tem sido oportuna. Graça a ela, o HC pode melhorar a qualidade do atendimento à população facilitando o acesso de mulheres aos exames da mama pela rede pública de saúde.

Em conclusão a rede óptica para pesquisa

A instalação de fibras ópticas da Rede Metropolitana de Goiânia (MetroGyn) estará concluída até o final do mês de julho. Após o término, serão realizados testes e ajustes necessários para que a rede seja interligada às Redes Comunitárias de Educação e Pesquisa (Redecomep).

No final de junho, havia 52 km de fibra instalados de um total de aproximadamente 85 km. A rede foi aumentada para atender a demanda de parceiros da UFG no projeto, como o estado de Goiás e a prefeitura de Goiânia. No projeto original, a rede metropolitana teria 65 km.

A Redecomep é administrada pela Financiadora de Estudos e Projetos do Ministério da Ciência e Tecnologia (Finep) e tem a meta de promover a implantação de redes metropolitanas comunitárias em todo o país. No total são 26 cidades contempladas e o projeto inclui, em parceria com instituições de pesquisa e educação superior, a construção de uma infra-estrutura de fibras ópticas, equipamentos para a rede e gestão administrativa de projetos de cada rede metropolitana.



Fapeg lança editais para fomento a pesquisas

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg) lançou, no mês de junho, três editais para seleção de projetos de pesquisa. As categorias contempladas são "Áreas estratégicas", "Gênero" e "Raça e etnia" e os recursos, que variam de R$ 15 mil a R$ 50 mil, conforme o edital, serão distribuídos entre pesquisadores mestres e/ou doutores, vinculados a instituição pública ou privada sem fins lucrativos, de educação superior, pesquisa ou extensão, que integrem a rede credenciada pela Fapeg.

Neste mês de julho, e em parceria com o CNPq, outro edital foi lançado pela Fapeg. Dessa vez, os recursos somam R$ 500 mil e serão distribuídos de acordo com o número de pesquisas selecionadas. Podem se candidatar doutores com experiência em ciência, tecnologia e inovação. As inscrições vão até o dia 27 de agosto pela internet. A Fapeg distribuirá até 28 bolsas de até três anos cada, divididas entre as vertentes de regionalização e interiorização. A categoria "regionalização" caracteriza-se pela atração de doutores de outros estados e a categoria "interiorização" pretende atrair doutores para microrregiões de baixo desenvolvimento científico e tecnológico fora da área metropolitana de Goiânia.

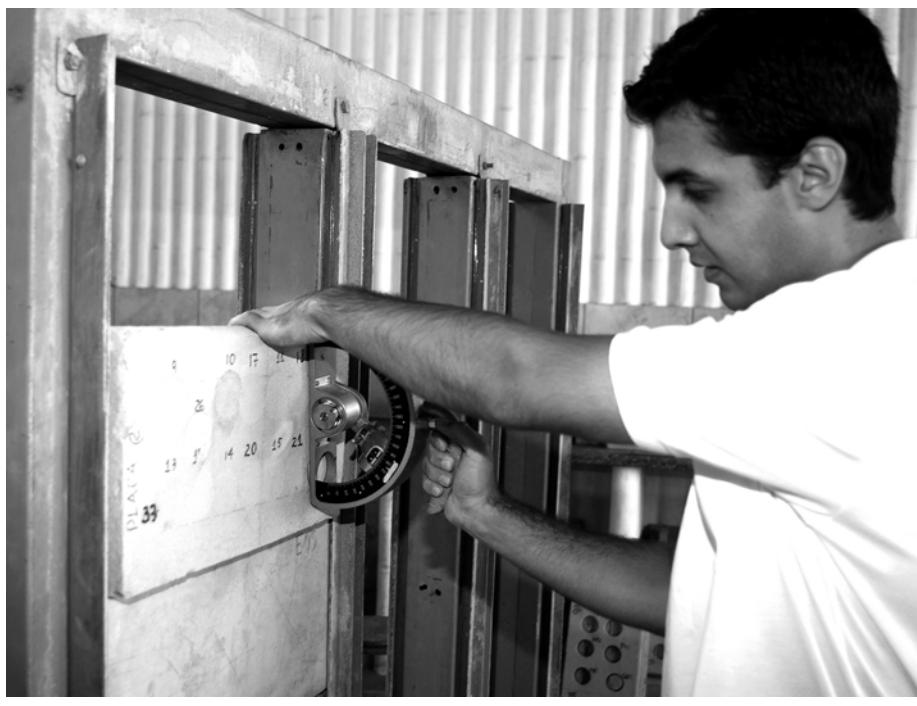
Mais informações no site www.fapeg.go.gov.br ou pelo telefone (62)3201-8081.

Escola de Engenharia Civil participa de pesquisas nacionais

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DISCUTE ESTUDOS NA ÁREA DE DURABILIDADE E DESEMPENHO DAS ESTRUTURAS DE CONCRETO E DE COMPONENTES UTILIZADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL . PESQUISAS INTEGRAM PROJETOS NACIONAIS SOBRE TECNOLOGIA DE MATERIAIS

Lutiane Portilho

Fotos:Carlos Siqueira



Materiais utilizados no concreto, teste de resistividade elétrica e painel para estudo de revestimento de argamassa são alguns dos equipamentos e componentes de apoio às pesquisas da EEC

Em termos mundiais, o Brasil situa-se entre os países de destaque no que se refere ao conhecimento em tecnologia do concreto, além de sua aplicação como material básico da construção civil. Tendo essa idéia como base, a Escola de Engenharia Civil (EEC) da Universidade Federal de Goiás (UFG) desenvolve uma série de projetos nessa área.

Um desses projetos é o "Avaliação da durabilidade de estruturas de concreto para geração de energia eólica em ambiente de elevada agressividade", coordenado pelo professor Oswaldo Cascudo. A pesquisa, que começou em setembro de 2007 e tem duração de dois anos, é realizada em parceria com Furnas Centrais Elétricas. Trata-se de um investimento da ordem de R$ 510 mil e visa o desenvolvimento de concretos duráveis para serem utilizados na estrutura das torres de energia eólica do país, que estão, em sua grande maioria, nos litorais brasileiros. O professor Oswaldo conta que essa pesquisa foi concebida porque as torres dos parques eólicos que existem no Brasil tinham baixa durabilidade, devido ao ambiente marinho, que é agressivo e leva à corrosão das estruturas. "Nosso interesse é estudar concretos que apresentem padrões de durabilidade capazes de resistir a essas ações degenerativas" explica o professor. O projeto conta com a participação de três alunos do mestrado em Geotecnia e Construção Civil (Gecon) da UFG.

Outro projeto, nessa mesma modalidade, é intitulado "Critérios de controle da qualidade para garantir a durabilidade do concreto projetado" e também tem parceria com Furnas/Aneel. A pesquisa também é coordenada por Oswaldo Cascudo e tem como objetivo estabelecer critérios de controle da qualidade do concreto, avaliando o desempenho de uso de fibras metálicas nas construções. Concreto projetado é um tipo de concreto muito usado em barragens e revestimentos de túneis e o resultado esperado da pesquisa é um material aperfeiçoado, de maior resistência. É um estudo que foi iniciado em maio deste ano e terá a duração de 18 meses, com um financiamento de aproximadamente R$ 385 mil. O trabalho é realizado em Furnas e também nos laboratórios da EEC da universidade.

Outra pesquisa desenvolvida na Escola de Engenharia Civil da UFG é "O estudo da resistência superficial em revestimentos de argamassa", trabalho de mestrado de Amália Silva Alves, orientado pela professora Helena Carasek. Esse estudo está vinculado ao Consórcio Setorial para Inovação em Tecnologia de Revestimentos de Argamassa (Consitra), juntamente com a Universidade de São Paulo (USP) e o Sindicato da Indústria da Construção no Estado de São Paulo (Sinduscon). Ela estuda alguns aspectos do desempenho de revestimentos de argamassa, principalmente a resistência superficial. Com esse estudo, o objetivo é melhorar a qualidade dos materiais que são usados, hoje, no mercado. A argamassa é um componente muito utilizado em fachadas de edifícios e serve de base para outros materiais de construção. Além disso, o material proporciona conforto térmico, acústico e dá estanqueidade à água. Sem esse revestimento, a estrutura corre o risco de ter infiltração e desenvolver manchas e bolor. "A contribuição maior é melhorar a qualidade dos revestimentos de argamassa, melhorar a qualidade do que se usa e dessa forma atender as exigências dos usuários", explica Amália. A dissertação será apresentada à banca examinadora em março de 2009.

Evento – Assuntos como esses foram discutidos no dia 26 de junho em Goiânia. Nessa data ocorreu o III Seminário Internacional sobre Durabilidade e Desempenho das Estruturas de Concreto. O evento foi organizado por Furnas Centrais Elétricas, por intermédio de seu Departamento de Apoio e Controle Técnico (DCTC) e pela Escola de Engenharia Civil da UFG, por intermédio do Gecon.

Nessa terceira edição do evento, reuniram-se vários pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Estiveram presentes ainda pesquisadores internacionais, como Paulo Monteiro, da Universidade da Califórnia (UCB/EUA) e Jean-Pierre Ollivier, do *Institut National des Sciences Appliquées* (INSA/Toulouse-França).

Foram discutidos diversos temas, como os principais aspectos que interferem na durabilidade de concretos, a vida útil desse material com adições minerais e as ações que podem ser tomadas para aumentar a durabilidade do concreto e de outros componentes utilizados em construção civil, com o objetivo de aumentar a segurança das edificações.

200 ANOS DE IMPRENSA

Jornalismo, poder e

Não há como falar sobre a história da imprensa no Brasil sem pensar as relações históricas que constituíram nosso país. O primeiro jornal brasileiro foi produzido no exterior. E o jornal oficial da Coroa era imprensa feita no Brasil para atender aos interesses estrangeiros. A estrutura social mudou completamente, mas o Jornalismo ainda depende muito de recursos financeiros do Estado, o que estabelece desafios importantes a serem enfrentados pela imprensa. As relações no mundo do trabalho são complexas e contraditórias e a atuação nele pede boa formação profissional nas universidades. Esses e outros temas foram debatidos pelos entrevistados da mesa-redonda que destaca os 200 anos de imprensa no Brasil e também os 40 anos do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (Facomb), com a participação de Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, coordenadora do curso de Jornalismo da UFG; Edson Spenthof, titular da Secretaria de Formação e Integração com as Instituições de Ensino Superior do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Goiás e presidente do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo; Reynaldo Rocha, formado pela primeira turma do curso de Jornalismo da UFG e âncora do programa Roda de Entrevista e Rosana Borges, professora de História da Imprensa do curso de Jornalismo da UFG.

Fotos: Vinícius Batista

Por: Silvana Coleta, Silvânia Lima e Ana Paula Vieira

A presença da imprensa no Brasil determinou a história desses 200 anos no país. Como se deu a implantação e a consolidação da imprensa brasileira?

Rosana – A imprensa no Brasil se consolida de uma maneira muito diferente da imprensa européia, por exemplo. Desde o início, o Jornalismo na Europa começa com a preocupação da neutralidade, da objetividade. No Brasil isso não acontece. A imprensa foi instalada oficialmente em 1808, com a vinda da Família Real. Atualmente tem-se questionado se antes dessa data existia ou não imprensa no país. Houve então, um retardamento da implantação da imprensa no Brasil, que não tinha esse caráter da imprensa européia, não existia demanda de mercado, não existia essa preocupação com a neutralidade. A história da imprensa no Brasil começa com a censura ou com o jornalismo opinativo. Até a década de 1950, mais ou menos, o nosso Jornalismo era opinativo, o que está intrinsecamente relacionado com a própria história do país, com o retardamento da industrialização no Brasil, com o capitalismo que demorou a se instaurar aqui, com as relações políticas, econômicas, de poder. Não há como pensar a história da imprensa no Brasil sem pensar essas relações históricas que o constituíram.

Reynaldo – É interessante avaliar também o efeito da experiência pioneira do *Correio Braziliense*, que foi o primeiro jornal brasileiro, mas feito fora do Brasil, em Londres. Isso constituiu uma chama para que se desenvolvesse uma imprensa que eu acho que avançou por muito tempo, como disse Rosana, nessa esfera da opinião. Eu até chamaria de Jornalismo Literário, que está voltando agora. Mas a evolução dos anos 50 para cá é absolutamente fantástica. Hoje temos uma imprensa modernissima, com essa multiplicidade de mídias. Então, acho que essa experiência do *Correio Braziliense* foi fundamental para a afirmação da imprensa no Brasil.

Em que data foi isso?

Rosana – Logo depois da implantação da imprensa régia, com a Gazeta do Rio de Janeiro, ainda em 1808. Existia uma restrição da Coroa para que o

Rosana Borges

Correio Braziliense circulasse no Brasil. Naquela época, era preciso, além da aprovação do Conselho Ultramarino, obter aprovação dos censores que não ficavam no Brasil, mas em Portugal. Então o que o *Correio* fez: ele publicava o jornal em Londres e fazia duras críticas à Coroa Portuguesa. O jornal trazia alguns temas do Brasil, mas seu objetivo era enfraquecer mais ainda a Coroa Portuguesa, que já estava enfraquecida por causa da fuga da família real para o Brasil.

Edson – Diz-se que, na verdade, o *Correio Braziliense* foi um jornal de brasileiros feito no exterior, enquanto o jornal oficial da Coroa era imprensa estrangeira feita no Brasil para atender os interesses até então estrangeiros, que eram os interesses da Coroa Portuguesa. Isso foi reconhecido agora em forma de lei. Há alguns anos, a data comemorativa do dia da imprensa no Brasil deixou de ser 10 de setembro para ser em junho, um reconhecimento à publicação do *Correio Braziliense*, do Hipólito José da Costa.

Quem financiou o *Correio Braziliense* na Europa?

Rosana – O próprio Hipólito, ele era riquíssimo. Como ele viu que não poderia publicar no Brasil, foi para a Europa e publicava lá, em inglês.

Reinaldo – Por isso é que até hoje o *Correio* mantém o *Braziliense* com "z".

Rosana – E é interessante que, para combater o *Correio* lá, a Coroa criou um jornal aqui. E isso na época era comum. Por exemplo, aqui em Goiás houve a revista *Informação Goiana*, que é considerada um grande marco na nossa história. Só que ela era feita e publicada por goianos no Rio de Janeiro, que eram ligados à Escola Militar da Praia Vermelha. Henrique Silva e Americano do Brasil tinham uma preocupação com o ostracismo em que Goiás se encontrava. O estado era isolado, não tinha estrada de ferro, não tinha reconhecimento, respeito. Então, eles publicavam no Rio de Janeiro essa revista, que tinha circulação nacional, e conseguiram de várias maneiras, contribuir na formação de um sentimento de identidade nacional, porque eles mostraram que o interior do Brasil tinha vida. Eu nunca li isso, mas tenho uma hipótese de que a *Informação Goiana* pode ter inspirado a Marcha para o Oeste, que vem logo em seguida. Foram muitos anos de dedicação, principalmente de Henrique Silva, para a divulgação de Goiás.

Ana Carolina – É louvável essa ação do *Correio Braziliense*, temos de valorizar essa perspectiva da resistência. No entanto, o fato da imprensa ter chegado ao Brasil com a Coroa Portuguesa também foi determinante na nossa história. Hoje, um momento em que a estrutura social mudou completamente, nosso Jornalismo ainda depende muito do Estado, que é o grande anunciante, o grande financiador de veículos de imprensa. E isso é também determinante na própria formação do jornalista. Temos hoje cursos de Comunicação, o que não era nossa tradição, antes nós tínhamos cursos de Jornalismo. O curso de Comunicação nasce por interesse do Estado, na perspectiva da Aliança para o Progresso, patrocinada pelos Estados Unidos, que queriam a formação de um profissional diferenciado, mas que atendesse ao mercado de trabalho. Isso interferiu no tipo de jornal que temos hoje. A história nos mostra para onde estamos indo. Essa relação, quase viciada, em que o Estado patrocina a imprensa nasce com D. João e, de alguma maneira, persiste até hoje.

Rosana – A imprensa está sendo reestruturada. Até o início do século XX, cada grupo tinha seu jornal e o debate político-ideológico se dava nos jornais. E isso acontecia em várias esferas: os protestantes tinham seu jornal, daí surgia um jornal católico contra os protestantes, então vinham os anarquistas contra os católicos e os protestantes, e assim por diante. Aí, no início do século XX, quando o jornal foi-se aproximando desse modelo comercial, percebeu-se que era mais fácil comprar uma opinião no jornal, ou patrocinar de alguma forma um jornal, do que ter um jornal. Era mais barato, mais fácil. Então, esse "atrelamento" se dá historicamente e é o que vemos hoje: o jornal é subsidiado pelo capital privado ou pelo capital governamental.

Ana Carolina – A perspectiva não mudou, o que mudou foi o modo de operação. É mais sofisticado e mais difícil de ser controlado. Ainda são os grandes grupos que querem de alguma maneira ter o controle da opinião pública, ou, na ausência da possibilidade de controle, pelo menos a influência na opinião pública e, para isso, usam estrategicamente os jornais. Só que estamos inseridos nesse processo, nós fazemos o jornal, então entramos aí como parte, às vezes involuntária, desse processo. Está aí a importância da formação. Tudo que desejamos, a nossa maneira de ver o mundo e até a maneira como nós nos inserimos no processo, como participamos dessa negociação, depende de como somos formados.

Reynaldo – No começo dos anos 60, Goiás viveu uma experiência absolutamente ímpar, nesse sentido da relação do Estado com a população e a Comunicação, que foi o governo Mauro Borges, rigorosamente estatizante embora desenvolvimentista. Ele transformou o *Diário Oficial*, em noticioso, que se chamava *Diário de Goiás* (DG). Ele criou também, ao mesmo tempo, a Agência Goiana de Propaganda, ou seja, a verba de publicidade ficava nas mãos do próprio Estado, no orçamento do então Cerne, o Consórcio de Empresas de Radiodifusão e Notícias do Estado. A Rádio Brasil Central foi o embrião da TV Brasil Central de hoje. O DG teve vida relativamente curta, porque o Mauro também se sustentou pouco no governo, com a chamada revolução de 1964. Ele tinha sido eleito em 60, assumiu em 61, apoiou a revolução no começo mas entrou em atrito com os militares e acabou sendo deposto seis meses depois. A experiência foi embora e nunca mais se falou nisso. Mas acho que é um registro forte dessa relação, que tem um aspecto de promiscuidade, entre o Estado e a Comunicação.

Quais foram os profissionais de Comunicação que ajudaram Mauro Borges nesse momento?

Reynaldo – Os intelectuais da época ficaram com ele. Nós não tínhamos curso de Co-

formação profissional

municação, então não tínhamos jornalistas profissionais. Normalmente, eram bacharéis em Direito, que gostavam de escrever e viravam jornalistas. Um dos idealizadores do projeto está na ativa até hoje, é o Jávier Godinho, que está no *Diário da Manhã*. Fernando Cunha, que não era jornalista, é advogado também, hoje é secretário de Articulação Política do governo de Goiás. Foi ele que comandou essa verdadeira revolução na comunicação oficial. Para editar o jornal trouxeram o jornalista Eloísio Rodrigues da Silva, do *Estado de S. Paulo*, que era goiano.

Vamos ao papel da imprensa hoje. A sociedade conhece alguns momentos da participação marcante da imprensa, principalmente em questões políticas, como, por exemplo, o *impeachment* do Collor e alguns casos policiais de comoção nacional. A imprensa cumpriu e tem cumprido o seu papel de informar e de formar ou é somente nesses momentos que consegue envolver a sociedade?

Ana Carolina – É importante ver que a imprensa está em diálogo com a sociedade. Portanto, sendo diálogo, ela pode estar na vanguarda ou na retaguarda. Mas, qualquer que seja essa postura é evidente que a imprensa cumpriu um papel importante. Toda essa perspectiva de abertura política, de redemocratização, passa, sim, por ações que estiveram dentro da imprensa nacional. Mas é muito cobrar que a imprensa seja o carro-chefe de todas as transformações. É muito difícil,

Ana Carolina Temer

para o próprio jornalista, para as empresas de comunicação, essa idéia de total ruptura, de estar tão à frente que seja algo fora da sociedade. E aí entram todas as contradições da imprensa: ter um compromisso social, dentro de uma empresa privada, quer dizer, o interesse privado e o interesse público em permanente conflito; a postura do jornalista, que é um prestador de serviço ao público, mas que tem de ganhar dinheiro para sobreviver e, portanto, muitas vezes tem de seguir a linha editorial de um jornal com que ele não concorda. Aí está a perspectiva de contradição e a própria perspectiva do curso de Jornalismo, que tem de formar técnicos que sejam humanistas. Então, o jornalista talvez seja o símbolo de todas as contradições, querer tudo num ambiente que às vezes não é favorável e estar o tempo todo negociando essa realidade.

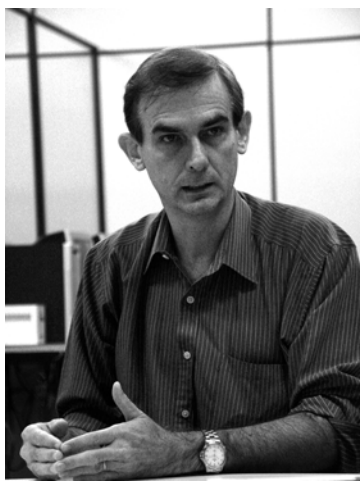
Isso prejudica a identidade da profissão e um maior reconhecimento por parte da academia?

Ana Carolina – A academia está sendo forçada a reconhecer o Jornalismo. Eu trabalho mais na perspectiva de Ciências da Comunicação, como um todo, pelo impacto que as mídias estão causando na vida real. Há muito tempo deixaram de existir as revoluções que queriam tomar o palácio do governo. Hoje as revoluções querem tomar a rádio, a tv, então isso mostra a importância política dos processos comunicativos. Não dá para negar, é doloroso, às vezes, para as Ciências Sociais, para a Antropologia, para a História, ou seja lá qual for a Ciência Social, verificar a importância da Comunicação. Hoje, começamos a questionar os métodos delas, e esse caminho difícil gerou uma necessidade de união. Houve entre os pesquisadores e estudiosos da Comunicação, uma necessidade de se unir para sobreviver. Mas acho que estamos alcançando hoje uma situação que, se não chega a ser ideal, já é de algum conforto. Talvez isso seja fruto de o jornalista ser movido por ideais.

Edson – De fato, ainda há um fosso entre o mundo profissional e a academia. E a responsabilidade por esse fosso está nos dois lados, está na falta de predisposição para o diálogo. Os cursos de Jornalismo dialogam pouco com o mundo profissional e com o mundo empresarial e o contrário também ocorre. Durante um bom tempo, com o surgimento das escolas de Comunicação, os cursos foram generalistas demais, centrados no ideal de formação de um profissional polivalente, que não funciona no mercado, até porque a sociedade exige do jornalista que ele não confunda seu trabalho com publicidade. Isso tem de estar refletido nos cursos de Jornalismo, o que já está ocorrendo. Já se instituiu em escolas de todo o Brasil uma disciplina chamada Teorias do Jornalismo e não só Teorias da Comunicação. E também começa a se perder, graças às novas teorias focadas no Jornalismo, o complexo de que "nós não somos ciência, então nós não somos nada". Não somos efetivamente ciência, jornalista não faz ciência, mas ele é um produtor de conhecimento, do conhecimento da atualidade, da dinâmica viva da sociedade. Esse conflito começa a ser resolvido agora, porém ainda precisa haver muito mais diálogo. O jornalista é um mediador da realidade social e produtor de conhecimento, um conhecimento diferente e não inferior. E não há sociedade contemporânea que possa abrir mão desse conhecimento jornalístico.

Ana Carolina – É preciso deixar de separar a teoria da prática como se fossem grandes oposições. A teoria é a reflexão sobre a prática, então o Jornalismo começa a ter a sua teoria, quando jornalistas ou pessoas com alguma capacidade intelectual próxima, de alguma maneira ao Jornalismo, começam a refletir sobre sua prática. Então o Jornalismo, na medida em que começa a refletir sobre o próprio trabalho, está teorizando em vários momentos. O jornalista dentro da redação, quando se preocupa se o que vai fazer é bom ou ruim, de alguma maneira está teorizando. O que a academia deve fazer é trazer para si esse conhecimento e, a partir dessa lógica filosófica, de produção de conhecimento científico, fazer uma reflexão ainda mais profunda sobre essa produção.

Edson – Durante muito tempo, alguns pesquisadores disseram que fomos colonizados por outras áreas e hoje os estudantes de Jornalismo dizem que são colonizados pela Comunicação, tentando criar uma área, que é comum, em termos



Edson Spenthof

das grandes áreas do conhecimento, mas que tem especificidades que a sociedade ainda exige que sejam respeitadas. Vem daí o movimento da recuperação da auto-estima e a necessidade de nos colocarmos como objeto do nosso próprio conhecimento. A partir daí, rompemos um pouco esse fosso para com o mercado de trabalho, com as empresas. Não somos inferiores à Ciência. Fazemos outra coisa, de igual importância para a sociedade. Só precisamos criar os mecanismos, é por aí o caminho, para acelerar esse estreitamento com o mundo do trabalho.

Reynaldo – Como estou do lado de fora, não sei se serei justo, mas acho que a universidade provocou mais esse fosso. Eu, por exemplo, tenho a experiência de ter sido formado aqui. O curso tem 40 anos e só agora é que estou vendo a universidade se movimentar no sentido de se abrir para a sociedade e para o próprio meio

Reynaldo Rocha

onde estão atuando os profissionais. Percebendo agora, finalmente, uma preocupação da universidade, uma sensibilização nova para isso. Temos de ter pontos convergentes: a teoria com a prática, a academia com a sociedade. O papel da universidade é fundamental e ele estava sendo negligenciado.

Reynaldo, você é formado pela primeira turma de Jornalismo da UFG, que está completando 40 anos. Que paralelo você faz entre a formação que você recebeu e a formação de hoje, baseando-se na convivência com profissionais e estudantes?

Reynaldo – Tenho uma visão muito positiva dessa interação que já tive e tenho com a universidade, principalmente com os estagiários. Foram belas e agradáveis surpresas. Num primeiro momento, havia mais a vocação para ser jornalista. Hoje, já vejo um outro lado, parece que mudou um pouco a cabeça das pessoas. A preparação não é tão boa, falta um embasamento cultural maior, é preciso conhecer um pouco de Política, de Sociologia, de História e cuidar bem da nossa língua, um aspecto que anda muito ruim. Mas sempre defendi essa política de integração dos veículos com a universidade, sobretudo a prática dos estagiários, que pode ajudar muito e influenciar positivamente na formação final.

Rosana – Esse problema entre a teoria e a prática é antigo. Durante muito tempo, os cursos de Comunicação no Brasil foram teóricos, tiveram uma aproximação muito grande com a teoria, de certa forma, dissociando-se da prática. E com o foco na teoria, a pessoa fazia Jornalismo, aprendia uma série de coisas, e desenvolvia uma leitura muito crítica dos meios de comunicação. Talvez tenha faltado, nessa época, a própria equipe docente, porque o curso surge apoiado em professores das Ciências Humanas.

Reynaldo – Na verdade o curso que eu fiz foi mais ou menos mantido por professores do Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL. Mas, mesmo assim, eu rendo graças até hoje por ter feito o curso, porque me ajudou muito. Complementou a minha formação. Eu já estudava Direito, tinha um pouco de conhecimento da questão jurídica, associei uma coisa com outra, acabei saindo, acredito eu, um profissional mais ou menos bem formado.

Como é que anda o problema do diploma do jornalista?

Edson – Temos um fator positivo que é, dos anos 50 para cá, a profissionalização do Jornalismo. E uma coisa que acho importante, e que é polêmica, reconheço, mas se firmou no Brasil, em razão dessa profissionalização, é a necessidade da formação superior, por mais deficiências que tenha. Não podemos confundir exceção e regra. A exceção de pessoas que são ótimos jornalistas, ou que foram a vida toda ótimos jornalistas mesmo sem ter diploma, com aqueles que passam pela academia e têm o primeiro contato com a profissão dentro da academia. Isso é, ao contrário do que se diz, fator de democracia, porque o raciocínio que eu acho que é correto estabelecer é o seguinte: todo cidadão brasileiro tem direito de ser jornalista. Tem. Mas há regras. A primeira regra é: ingressar num curso superior. E nesse direito todos são iguais. Quer dizer, então, que todos os brasileiros podem ser jornalistas, desde que se submetam a essa regra básica. E é também democrático, porque a instituição de ensino, mesmo que seja exercida sob regime jurídico privado, exerce uma função pública, é um serviço concedido pelo Estado. Se isso está ruim, a sociedade precisa redefinir o ensino. Talvez sejamos modelo. De qualquer forma, na minha opinião, isso está funcionando muito bem. No Brasil, isso valoriza a atividade. Ao contrário do que os empresários pensam, isso os protege, dá mais garantias a eles também. Como está hoje a situação no plano jurídico: as empresas continuam combatendo e agora está suspenso o diploma, está para ser julgado de novo no Supremo Tribunal Federal. A Federação dos Jornalistas está se movimentando em torno desse fato. O problema seria se não houvesse regra democrática nenhuma de acesso a esse diploma. Mas no Brasil há, como ocorre nas outras profissões. Da mesma forma, há a questão do Conselho Federal de Jornalistas, associada a isso. Todas as profissões têm seus órgãos reguladores. E os jornalistas são, salvo engano, a única profissão de nível superior que está impedida, por um *lobby* fortíssimo das empresas de comunicação, de regular, de fiscalizar a sua profissão. O péssimo jornalista não pode ser cassado hoje, a menos que cometa crime enquadrado em Código Civil ou Código Penal. O Conselho, vale lembrar, foi uma proposta da Federação Nacional dos Jornalistas discutida em todo o país.

Rosana – Há um mal entendido no Brasil quanto ao conceito de democracia. Esta nunca pressupôs a liberdade absoluta. Democracia pressupõe o controle público, pressupõe o favorecimento do interesse coletivo em detrimento do interesse privado mas não percebemos isso no Brasil. Aqui a liberdade de imprensa é confundida muitas vezes com liberdade de "empresa" e a própria empresa alicerça, no princípio da liberdade de imprensa a defesa do interesse privado e não do público. A liberdade de expressão é uma coisa, qualquer cidadão pode fazer o que quiser para manifestar sua opinião. Outra coisa é liberdade de imprensa. Aí sim a comunicação se afirma enquanto área, o Jornalismo como profissão, e é claro que isso tende a repercutir no profissionalismo. A própria questão da censura no Brasil saiu das mãos dos militares e passou para as mãos dos donos das concessionárias, que fazem a verdadeira censura. E cabe ao jornalista, no exercício da sua profissão, fazer o contraponto, ou não. E onde ele encontra esse debate se não na faculdade, que é o ponto de partida para essas discussões? No contato com egressos do curso de Comunicação, ouvimos que o curso foi fundamental. Muitas vezes voltam para fazer outra graduação, especialização ou mestrado na área de Comunicação. Então, eu penso que a universidade é imprescindível.

O que temos pela frente? Mais possibilidades ou mais desafios?

Reinaldo – Eu enfatizo muito isso: temos passado por um processo evolutivo muito interessante na Comunicação, mas acho que é permanente, e será permanente esse desafio da ética, da correção profissional, de você praticar com seriedade esse exercício de alta relevância social, é preciso que tenhamos sempre a dimensão da nossa responsabilidade. Acho fundamental isso.

Edson – Temos pela frente um grande ponto de interrogação, que se refere à área tecnológica: para onde vamos em termos de tecnologia? Porque o que ocorre com a internet por exemplo, não envolve só tecnologia, envolve questões éticas, técnicas, de concessão. Para mim, o desafio está no seguinte: defender, independentemente de qual tecnologia seja, aquele tipo de Jornalismo inaugurado em meados do século XIX, o Jornalismo informativo, baseado em valores que são possivelmente os mais caros da sociedade ocidental, como a transparência. O Jornalismo mudou radicalmente. Mudou em vários aspectos, sobretudo pela tecnologia. Mas ele mantém uma determinação básica, que é a nossa preocupação para o futuro, de se manter como instrumento de informação e conhecimento da sociedade, de conhecimento não científico, de conhecimento em torno da dinâmica viva da sociedade. E que os jornais, rádios, televisões, continuem sendo o que são: espaços de conflito e não espaços monolíticos. Que a imprensa se mantenha como mediadora do conhecimento, da realidade social, e que reflita a pluralidade.

Rosana – Novos desafios traduzem-se em novas possibilidades. E para mim o pano de fundo dessas possibilidades e desafios é a questão da democracia, que sempre permeou a imprensa e vai continuar na pauta do dia, seja no impresso, na televisão, no rádio, ou na internet. As pessoas gostam de falar que a internet é democrática. Não é bem assim, sabemos que não será todo mundo que terá acesso.

Nossa retrospectiva histórica foi até a década de 1960. O que ficou faltando?

Reynaldo – Tivemos uma grande revolução na imprensa brasileira em meados dos anos 50, uma reforma gráfica no *Jornal do Brasil*, que sintetizou os padrões determinantes da imprensa mundial da época e conseguiu um modelo, que para mim foi exemplar porque nunca vi uma mudança tão criativa e tão consistente de qualidade. E enquanto o grande concorrente do *Jornal do Brasil* era o *Estado de S. Paulo*, que jogava muito no noticiário internacional, aqueles grandes espaços das agências, o *Jornal do Brasil* priorizou a cobertura local, dos temas brasileiros, que passou por assuntos da economia, pelo esporte, pela política, até que veio a ruptura democrática. E acho que dali, de 1954 para cá, é que nós temos uma revolução de qualidade na imprensa brasileira, especificamente no caso do jornal impresso. Goiás chegou a ter, no início dos anos 60, cinco jornais diários, mas ficaram estagnados um certo tempo. Para não ir muito longe, no maior jornal daqui, o jornal *O Popular*, a informatização da redação, data de 10 anos, não mais que isso. Estava bastante atrasado em relação à imprensa que se fazia no Brasil e no mundo. Mas, depois dessa estagnação, vieram reformas sucessivas nos veículos, de tecnologia e também de formação técnica dentro das redações, já com normas, com editorias, isso foi nos anos 70, pegando essa formatação moderna. Aí, em 81, houve um outro grande choque na imprensa goiana, que foi a criação do Diário da Manhã, uma experiência fantástica, uma ousadia enorme, em que o Batista Custódio conseguiu trazer para Goiás alguns dos maiores nomes da imprensa brasileira da época. O próprio *O Popular* que já era e continua líder, teve de correr atrás, tomar providência, melhorar o padrão gráfico, o padrão de tecnologia e valorizar mais o profissional. Hoje chegamos a um momento em que, apesar da concorrência da televisão e da internet, a imprensa tem conseguido manter a fidelização do seu leitor. Eu vejo o jornalismo goiano nesse momento com boa qualidade e com tendência para melhorar mais ainda.

Edson – Concordo. Mas não podemos esquecer os problemas que evidentemente ainda existem, e muito sérios, dos deslizes, dos desvios que a imprensa comete constantemente. E, em muitos estados, nesse aspecto chamados ainda de provincianos – e talvez Goiás seja assim – que depende mais do que a média, ou mais que os grandes veículos nacionais, dos anunciantes oficiais, temos alguns problemas bastante sérios que precisamos resolver. É muito sério, porque envolve relação econômica, dependência do anúncio oficial, envolve, talvez, um parque industrial e econômico ainda um pouco fraco para se sustentar. Não sei, estou levantando uma hipótese. Talvez um estudo mais aprofundado desse uma resposta cabal sobre isso. Mas algo parece que não vai bem nessa relação. Isso não quer dizer que a minha análise da imprensa goiana vá só por esse caminho. Concordo com o Reynaldo, vejo um progresso enorme, mas ainda há caminhos a trilhar.

Letras e lingüística em destaque na UFG

Identidade e visibilidade da produção do conhecimento na área norteou as discussões do encontro

Carlos Siqueira

Reitor da UFG Edward Madureira Brasil fala aos participantes do XXIII Enanpoll, na solenidade de abertura oficial do evento

O XXIII Encontro da Associação de Pós-graduação em Letras e Lingüística (Enanpoll), realizado de 2 a 4 de julho, quebrou a rotina do Câmpus Samambaia da Universidade Federal de Goiás. Os mais de 700 participantes do evento deram nova dinâmica aos espaços da Faculdade de Letras e do Centro de Aulas, onde estiveram reunidos, 32 Grupos de Trabalho (GTs) da Anpoll.

O tema central "Produção do conhecimento em Letras e Lingüística: identidade, impacto e visibilidade" foi amplamente discutido em mesas-redondas bastante diversificadas. Novos rumos da pesquisa e da pós-graduação, fomento, qualidade da produção e difusão do conhecimento foram alguns dos subtemas que instigaram os participantes. Paralelamente, a programação ofereceu momentos de lazer e descontração, com apresentações musicais, exposição e comercialização de livros e artesanato.

Para o presidente da associação, Rogério da Silva Lima, o evento cumpriu o objetivo de promover o intercâmbio das pesquisas desenvolvidas pelos GTs. A coordenadora-geral do evento e vice-presidente da Anpoll, Maria Zaira Turchi, ressaltou o nível das discussões sobre relevância e qualidade da produção do conhecimento na área de Letras e Lingüística no cenário nacional da pesquisa e pós-graduação. Além dos professores, mais de 40 monitores, da Faculdade de Letras, colaboraram na organização do evento.

Durante a assembléia geral da Anpoll foi eleita a nova diretoria da associação para o biênio 2008/2010. Fábio Alves da Silva Júnior (UFMG) e Maria de Lourdes Meirelles Matêncio (PUC–MG) estarão à frente, respectivamente como presidente e vice-presidente.

Lançamentos – Foi grande o interesse pelos livros lançados e os dois números da Revista da Anpoll. Foram mais de 50 títulos, resultados da produção dos GTs. O número 24 da Revista, em dois volumes, é uma homenagem especial aos grandes escritores brasileiros Machado de Assis e Guimarães Rosa, em comemoração ao centenário de morte de Machado e de nascimento de Rosa. Os artigos escolhidos abordam aspectos lingüísticos e literários das obras desses autores sob diferentes enfoques teóricos.

O número 25 é dedicado aos 200 anos da imprensa no Brasil e à relação desse advento com o desenvolvimento da Língua Portuguesa. Mais informações podem ser obtidas no site da Anpoll (www.anpoll.org.br).

Programas de assistência beneficiam universitários em Catalão

Com o objetivo de propiciar a alunos melhores condições de estudo e vivência acadêmica, a Secom oferece três programas de assistência estudantil em Catalão

Lutiane Portilho

Assim como acontece em Goiânia, o Câmpus de Catalão da Universidade Federal de Goiás (UFG) oferece programas de assistência estudantil aos universitários. Três programas assistenciais estão em funcionamento: Bolsa Alimentação, Bolsa Permanência e Bolsa Moradia. Apesar de oferecer os programas e realizar o cadastro dos interessados, a Secretaria de Assuntos da Comunidade (Secom), em Catalão, não se encarrega da seleção dos alunos. A avaliação a cargo da Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade (Procom), cujas assistentes sociais deslocam-se até a cidade e realizam as entrevistas necessárias com os candidatos.

Este ano, 188 alunos foram contemplados com a Bolsa Alimentação, sendo 138 com uma bolsa de R$ 75 e 50 com R$ 150. O Bolsa Permanência contemplou 41 alunos no valor de R$ 300 e 50 pessoas recebem a Bolsa Moradia no valor de R$ 120. A procura por essa assistência é considerada alta, pois, para o Bolsa Alimentação foram 350 candidatos, para moradia, 116 alunos, e para o Permanência, em torno de 160.

O grande diferencial em Catalão é que, para a Bolsa Alimentação e a Bolsa Moradia, o beneficio é pago em dinheiro, uma vez que o câmpus ainda não tem restaurante universitário (RU) nem casa do estudante. De acordo com Maria Terezinha do Prado, responsável pela Secom, essa situação é provisória. No caso da alimentação, algumas empresas terceirizadas já foram convidadas a apresentar uma proposta de fornecimento de comida, mas ela sonha com a construção do RU. Quanto à moradia, a casa poderá ser construída pela UFG em um terreno já cedido aos alunos, há seis anos, pela Prefeitura de Catalão. Mas antes terá de haver formalização da doação desse lote para a instituição, já que ela não pode construir fora de suas propriedades", lembra Maria Terezinha.

Fotos: Carlos Siqueira

Maria Terezinha do Prado: "Consolidados os programas de bolsas, a prioridade agora é a construção do restaurante universitário e da casa do estudante"

Essas duas medidas ajudarão no desenvolvimento dos programas, segundo a coordenadora da Secom, porque evitarão que os alunos gastem mal o dinheiro. "Alguns alunos acabam fazendo uso desse dinheiro para outros propósitos. A construção da casa do estudante e do restaurante são as medidas mais corretas nesse caso" ressalta.

A relação da Secom com os estudantes, segundo Maria Terezinha, é algo primoroso. Ela conta que sua sala está sempre cheia de alunos em busca de orientações e que o telefone não pára de tocar. A coordenadora comemora o resultado dos programas e o apoio que tem recebido da Procom e do diretor do câmpus, Manoel Rodrigues Chaves. "Eu tenho algumas dificuldades, mas tenho motivação, porque não encontro resistência nenhuma, tenho quem me apóie" declara.

Além dos três programas de bolsa, a Secom também oferece aos estudantes de Catalão acompanhamento psicológico e a oferta de passagens para eventos acadêmicos fora da cidade. São contemplados dois alunos por evento, os quais podem receber passagens até duas vezes ao ano.

Jataí cria Núcleo de Estudos em Agricultura Familiar

O município de Jataí, localizado na microrregião sudoeste do estado de Goiás, é conhecido principalmente pela produção de soja e milho concentrada nas médias e grandes propriedades. Esse modelo produtivo não favorece a pequena produção de base familiar.

Em contraste, a maior parte da população rural do município está vinculada à agricultura familiar, produzindo para consumo próprio e vendendo o excedente para o mercado local.

Pesquisas recentes mostram que do total dos estabelecimentos do município de Jataí, cerca de 1.400 (aproximadamente 55% do total) são classificados no cadastro de estabelecimentos rurais do Incra como pequenos estabelecimentos e minifúndios. Apesar de corresponder a mais da metade, esses estabelecimentos ocupam somente 10% do total da área.

A mesma pesquisa revela que nos pequenos estabelecimentos e nos minifúndios do município, 89% da força de trabalho empregada é de origem familiar e apenas 11% são pessoas contratadas. Predomina a produção de alimentos de consumo imediato, como frutas, verduras, hortaliças e derivados de origem animal.

Em face desse cenário, professores dos cursos de Geografia, Agronomia e Medicina Veterinária, servidores técnico-administrativos e estudantes do Câmpus de Jataí, criaram, em maio, o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agricultura Familiar (Neaf).

O Neaf organiza-se com os seguintes objetivos: a) interação com segmentos sociais vinculados à agricultura familiar; b) aglutinação de docentes, discentes e técnicos administrativos que desenvolvem trabalhos nessa área, seja no ensino, na pesquisa ou na extensão; c) organização de um banco de dados sobre a agricultura familiar, particularmente na região Centro-Oeste e no estado de Goiás, de forma a subsidiar os estudos e intervenções nessa área; d) promoção de atividades, tais como palestras, simpósios, seminários, oficinas, conferências e outras relativas ao tema, bem como a participação em eventos promovidos por outras instituições; e) divulgação das atividades, dos projetos de pesquisa e de extensão promovidos pelo Núcleo, em boletins, periódicos e meios digitais; f) estímulo à interdisciplinaridade no campo de investigação acerca da agricultura familiar; g) criação e manutenção de uma página na *internet* e/ou um periódico impresso ou *on-line*.

Além das atividades de pesquisa, o Neaf tem estabelecido contatos com associações de assentamentos de Jataí e municípios vizinhos. Um exemplo é o Assentamento Lagoa do Bonfim, no município de Perolândia, onde, no último dia 14 de junho, foi realizada uma reunião entre a Associação do Assentamento e uma equipe técnica do Neaf, para discutir a realização de parceria na realização de cursos e trabalhos pontuais.

A equipe do Neaf é composta pelos professores da UFG – Campus Jataí Dinalva Donizete Ribeiro, Hildeu Ferreira da Assunção, Euter Paniago Júnior, Fernando José dos Santos Dias, Carla Afonso Bitencourt Braga, Carla Regina Assis Almeida Leal e pelo professor Marcelo Rodrigues Mendonça, do Campus Catalão, pelo técnico em assuntos educacionais Flávio Pereira Diniz, pelos estudantes Zaqueu Henrique de Souza, Izabel Rodrigues da Rocha, Mainara da Costa, Jaqueline Porn Martins, Priscila Ferreira dos Santos, Thaísa de Oliveira Lima e Lucas Santos Machado e pelas estagiárias Mariza Zouza Dias, Thays Furtado de Freitas e Tatiane Melo de Lima.

As linhas de atuação do Neaf são: Modelagem da produção vegetal, Organização sociopolítica no campo, Planejamento e desenvolvimento em agricultura familiar e Produção animal. Os contatos com o Núcleo poderão ser feitos pelo telefone (64) 3632-0003 e pelo endereço eletrônico: neafufg@gmail.com

II Seminário Nacional de Serviços de Atendimento Estudantil Universitário

Evento discutiu temas como evasão do Ensino Superior, saúde mental e perspectivas para assistência estudantil

Ana Paula Vieira

Carlos Siqueira

O pró-reitor de Assuntos da Comunidade Universitária, Ernando Filizolla , e Nelson Amaral, que proferiu a conferência de abertura

A Universidade Federal de Goiás, por intermédio da Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária (Procom) realizou, nos dias 19 e 20 de junho, o II Seminário Nacional de Serviços de Atendimento Estudantil Universitário. A programação teve a participação de palestrantes de diversas universidades do país, além de profissionais da UFG.

O I Seminário Nacional de Serviços de Atendimento Estudantil Universitário foi realizado em maio de 2006, pelo Instituto Ânima, vinculado à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Segundo o pró-reitor de Assuntos da Comunidade Acadêmica da UFG, Ernando Melo Filizolla, o primeiro evento focalizou mais a saúde mental do estudante e, este ano, procurou-se um tratamento mais abrangente dos temas e conteúdos: "Nosso objetivo foi aumentar a participação dos estudantes, psicólogos, assistentes sociais, professores, gestores".

A conferência de abertura "A educação superior hoje e as perspectivas para a assistência estudantil", foi proferida pelo professor Nelson Cardoso Amaral, assessor especial da Reitoria da UFG. Ele falou sobre os desafios da educação superior no Brasil e a assistência estudantil e mostrou dados quantitativos e qualitativos sobre a realidade da universidade, incluindo recursos e possibilidades para melhoria e expansão.

Segundo o professor Nelson, a universidade sofreu muitas mudanças ao longo dos anos, que significaram grandes cortes nos recursos destinados às políticas de assistência estudantil, que até então, apresentavam pouca demanda para alguns tipos de serviços oferecidos, como atendimento médico e odontológico, prejudicando os programas de assistência estudantil.

A programação deste ano incluiu ainda temas como política de assistência social, saúde mental e evasão no Ensino Superior. Segundo a organizadora do seminário, a psicóloga Lívia Mesquita, a assistência estudantil colabora para a permanência no Ensino Superior, e isso justifica discutir tais temas. De acordo com Lívia, 36,9% dos estudantes das Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes) são portadores de problemas emocionais. Daí a relevância de se discutir, por exemplo, a relação entre as condições sociais do estudante e sua saúde mental. Em outros casos, como nos cursos da área de Saúde, estudantes têm de aprender a lidar com a morte, as doenças, o que, segundo a psicóloga, gera ansiedade.

Conforme declarou Lívia, a importância do seminário está na oportunidade de os estudantes conhecerem melhor os serviços voltados para eles: "Há pessoas na universidade que se dedicam a pensar a realidade dos alunos e a apresentar propostas alternativas para os problemas deles". Ela ressalta, além disso, que os professores também devem saber sobre esses serviços, até mesmo para orientar os alunos. Segundo Ernando Melo, o interessante do evento é a oportunidade de troca de experiências entre as universidades.

No encerramento do seminário, houve uma comemoração pelos vinte anos dos trabalhos em Saúde Mental da UFG e o lançamento dos livros *Saúde mental do médico e do estudante de Medicina*, organizado por Kátia Burle dos Santos Guimarães, da Faculdade de Medicina de Marília e *Apoio estudantil: reflexões sobre ingresso e permanência no Ensino Superior*, organizado por Geila Gonçalves Kullmann, Luciane Leoratto Pozobon, Renata de Marco Domingues e Simone Tomazetti Mello, pela editora da UFSM.

Autor de *A confissão* conversa com vestibulandos

Vinicius Batista

O goiano Flávio Carneiro, autor de *A confissão*, um dos títulos da lista de livros indicados para o concurso vestibular 2009 da UFG esteve no Câmpus Samambaia, no último dia 19 de junho, num encontro com alunos secundaristas. A obra fala de uma busca frenética em que prazer e morte servem como meios para um homem aparentemente comum restaurar as rédeas de sua própria vida. O auditório lotado comprova o prestígio do evento promovido pela Livraria UFG. Os demais livros indicados para o próximo vestibular da UFG são *O leopardo é um animal delicado*, de Marina Colassanti; *Memorial de Aires*, de Machado de Assis; *Melhores poemas*, de Olavo Bilac; *Nova antologia poética*, de Afonso Félix de Sousa; *Tarsila*, de Maria Adelaide Amaral.

COMUNIDADE PERGUNTA

Quais são as possibilidades de a Biblioteca Central da UFG funcionar à noite e nos finais de semana?

Nathália Gonçalves, estudante de Administração

Valéria Soledade de Almeida, diretora do Sistema de Bibliotecas da UFG

A Biblioteca Central (BC), localizada no câmpus II, e a Biblioteca Setorial (BSCAMI), do câmpus I, têm um quadro de servidores insuficiente para atender a atual demanda dos serviços que oferecemos e outros que são demandados. Essa situação acarreta o fechamento de setores da BC durante o turno noturno, bem como o acúmulo de serviços nas seções, o funcionamento de setores de atendimento ao usuário com apenas um servidor em cada turno e a impossibilidade de se fazer um remanejamento de servidores para cumprir sua jornada de trabalho nos finais de semana, por serem imprescindíveis durante a semana.

Na composição dessa realidade de desafios, destacamos o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais de Ensino Superior (Reuni) que amplia o número de vagas nos cursos já existentes e cria novos, fato que trará o aumento da demanda pelos nossos serviços; a grande expectativa de solicitações de aposentadorias em um futuro próximo; a implantação de serviços eletrônicos para favorecer o acesso à informação, principalmente para os cursos a distância; a instalação da Seção de Coleções Especiais no novo prédio da Praça Universitária, que hoje só funciona na BC por falta de espaço na BSCAMI as incorporações de acervos das unidades acadêmicas e de grandes doações ao SiBi e o funcionamento do sistema de bibliotecas nos finais de semana.

No momento atual, o Sistema de Bibliotecas (SiBi) funciona ininterruptamente, de segunda a sexta-feira, das 7h às 22h, no câmpus II, e das 7h às 23h45, no câmpus I, e aos sábados, a BSCAMI, funciona das 8h às 18h em regime de escalas de revezamento de plantão.

Proposta do SiBi

A ampliação do horário de funcionamento das bibliotecas, pleito dos estudantes, consta como meta do Planejamento Estratégico do SiBi 2006 – 2009, ainda não alcançada devido à falta de reforço nos recursos indispensáveis à sua concretização.

O pleito dos estudantes reafirma a preocupação do SiBi em ampliar o horário de funcionamento das bibliotecas. O assunto foi tratado pela Comissão Técnica, organismo consultivo e deliberativo máximo para questões técnicas e administrativas do SiBi, em reunião realizada no último dia 25 de junho, e por unaminidade**,** foi considerada viável a ampliação do horário da Biblioteca Central no noturno de segunda a sexta-feira até às 22h45 e o funcionamento aos sábados, bem como a instalação de salas para estudo individual e coletivo 24 horas.

A proposta aprovada na reunião é inicialmente a BC funcionar aos sábados em caráter experimental, para termos dados estatísticos da demanda que servirão de parâmetros para o funcionamento das bibliotecas aos domingos, dadas as dificuldades mencionadas

Para tanto, precisamos assegurar:

- a nomeação dos bibliotecários aprovados no concurso de 2008, que garantirão melhor funcionamento e ampliação do horário noturno na BC;
- a disponibilidade de servidores para que o SiBi possa por em funcionamento a Biblioteca Central, aos sábados das 8h às 18h, em caráter experimental, para avaliar o custo benefício seguindo os moldes do atendimento já oferecido na BSCAMI;
- serviços de limpeza e vigilância terceirizados aos sábados nas duas bibliotecas;
- suporte de plantão no Centro de Recursos Computacionais (Cercomp) que mantenha o funcionamento ininterrupto da rede lógica no período noturno e nos sábados nos câmpus I e II;
- o retorno ao SiBi do espaço em que antes funcionava a sala de estudo 24h, com disponibilidade de acesso à internet com conexão de rede sem fio.

Carlos Siqueira e

Ondjaki (em destaque) foi recepcionado pelo reitor Edward Brasil e por outros dirigentes e assessores das áreas de humanas e relações internacionais

Histórias de Luanda

UFG RECEBE O ESCRITOR E CINEASTA ANGOLANO ONDJAKI, QUE MOSTRA EM SUA OBRA UM PAÍS DIFERENTE DO QUE APARECE NO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL

Vinicius Batista

Alfredo Mergulhão

Para Ondjaki, falar em uma faculdade de Letras é algo, no mínimo, contraditório. "Vocês nos analisam muito", afirma, bem-humorado, o escritor à platéia formada, sobretudo, por professores e estudantes da Universidade Federal de Goiás. O angolano esteve na UFG nos dias 23 e 24 de junho para proferir a conferência *Outras margens da mesma língua* e para dois lançamentos: do seu filme, o documentário *Oxalá cresçam pitangas – histórias de Luanda* e dos livros *Bom dia, camaradas* e *Os de minha rua*.

Esta foi a terceira vez que Ondjaki veio ao Brasil, mas a primeira vez que passou por Goiânia, onde foi recebido pelo Centro Cultural Eldorado dos Carajás e pela coordenadora de Assuntos Internacionais da UFG, Ofir Bergemann. O escritor, que se declara um apreciador da literatura brasileira, defende uma movimentação no corpo da língua portuguesa, fazendo da escrita um conjunto de sinais quase falados, musicais, ritmados e coloquiais. "Precisamos reinventar a oralidade, fixando-a no texto e transformando o português em uma língua contemporânea, livre e irreverente", afirma.

Ondjaki é leitor de autores brasileiros cujas narrativas representam as tradições orais, principalmente Guimarães Rosa e Manoel de Barros. No entanto, seu contato com o Brasil não começou pela literatura, mas pelas telenovelas. Os personagens que habitam seu imaginário de infância são o lobisomem, a mulher-de-branco, a mula-sem-cabeça, de que tomou conhecimento por meio de produções como *Pedra sobre pedra, O bem amado* e *Gabriela*, novelas brasileiras exibidas em Angola.

A presença da televisão brasileira em seu país é tão marcante que o maior mercado a céu aberto do continente africano chama-se Roque Santeiro e está localizado na capital angolana, Luanda. "Já não vejo novelas, mas quando elas apareceram eram o que havia de qualidade na nossa televisão". Com a linguagem televisiva a modificar a forma de expressar das pessoas, Ondjaki defende um "desaperfeiçoar aperfeiçoante da norma", pois o "futuro da literatura são as estruturas simbólicas, mais que as lingüísticas", além de ser "improdutivo e imprudente o povo falar de um jeito e a academia de outro".

Autobiografias – Aos 16 anos Ondjaki mudou-se para Lisboa, onde cursou Sociologia. "Foi uma época de formação, de leitura, de ouvir música e ver cinema e, sobretudo, de fazer amigos", lembra. Nesse período o escritor teve contato com brasileiros, africanos e portugueses, a quem deve o fato de hoje ser "uma pessoa que tem uma visão da língua portuguesa como um espaço comum, aberto e arejado". Durante a faculdade, escreveu seus primeiros trabalhos literários.

Ondjaki publicou seus primeiros escritos em antologias poéticas e, apesar de continuar a escrever poesias, publica-as cada vez menos. "Minha área é a prosa", afirma. No gênero, sua primeira publicação é *Bom dia, camaradas*, livro sobre sua infância no qual mistura ficção e a realidade que viveu quando criança em Luanda nos anos 1980, um dos piores períodos do país. Colônia portuguesa desde o século XV, Angola lutou contra Portugal de 1961 a 1975, quando se tornou independente. A partir de então, iniciou-se uma das lutas mais sangrentas da história da África, com o país dividido entre os três grupos que haviam se unido na luta pela independência. Essa história se confunde com a da infância de Ondjaki, que nasceu em 1977.

Bom dia, camaradas surgiu do convite de um editor angolano que organizava uma coleção sobre o período. O escritor estava no segundo ano de faculdade e não havia redigido sequer uma linha sobre o tema, mas disse que entregaria a obra em dois meses. "Pedi para os colegas colocarem meu nome nos trabalhos em grupo e avisei que ia desaparecer". *Os de minha rua*, sua outra obra disponível no Brasil, também foi escrito após o desafio de um editor. Ondjaki foi convidado por uma editora suíça a participar de uma coleção – Retrovisores – que iria reunir livros de escritores de várias partes do mundo na retratação de suas infâncias. O livro, que recebeu o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco do ano de 2007, em Portugal, contém 22 historietas, organizadas cronologicamente.

O escritor já publicou outros oito livros, traduzidos para cinco idiomas. *Actu sanguíneu*, de poesia, recebeu Menção Honrosa do Prêmio Antônio Jacinto, em Angola, no ano 2000. *E se amanhã o medo*, de contos, recebeu os prêmios Sagrada Esperança, em Angola, em 2004, e Antônio Paulouro, em Portugal, no ano de 2005.

Documentarista – Ondjaki vende cerca de 1,5 mil livros anualmente em Angola, que tem quase seis milhões de habitantes. Ser escritor em um país com alto índice de analfabetismo é, para ele, uma espécie de utopia. "O lugar do escritor é produzir, de acordo com suas verdades e as idéias que quer transmitir, mesmo que tenha cinco leitores ou 5 mil". Embora a escrita seja sua principal forma de expressão, Ondjaki tem se enveredado para o cinema. "Estamos num momento de várias reconstruções em Angola e penso que é o momento certo para filmar".

Apesar de ter tomado esse novo rumo, os roteiros que escreveu para o cinema continuam ainda não filmados. "Isso não faz de mim um cineasta, e sim um escritor", afirma. No entanto, divide a direção do filme *Oxalá cresçam pitangas – histórias de Luanda* com o cineasta Kiluange Liberdade. O longa-metragem traz depoimentos e histórias de dez personagens que vivem na capital angolana, por meio dos quais a cidade se revela. São imagens de um novo país que se constrói e se reinventa após anos de conflitos, mostradas através do testemunho das pessoas que nela vivem. "Muitos já fizeram imagens da África, mas nós filmamos pessoas, mostramos uma Luanda diferente da que aparece no noticiário internacional, porém, sem omitir suas fragilidades", destaca Ondjaki.

Fotos: Carlos Siqueira

Noites de ópera em Goiânia

Com espetáculo de alto nível, Escola de Música e Artes Cênicas da UFG incentiva o gosto por ópera e canto lírico

José Eduardo Umbelino Filho

O Teatro Goiânia recebeu, nas noites de 19 e 20 de junho, o núcleo de ópera, o coro de câmara e a orquestra da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG (Emac), no espetáculo *Così Fan Tutte*, do célebre compositor alemão Wolfgang Amadeus Mozart. Eram mais de 60 alunos dos cursos de Música, em diversas habilitações, e de Musicoterapia e dez professores. A direção musical e a regência ficaram a cargo do professor Carlos Henrique Costa, a professora Joana Cristina Azevedo dirigiu a regência do Coro de Câmara e a professora Ângela Barra cuidou da direção cênica, do figurino e da produção artística.

A ópera representou o destaque da programação do I Goiânia Opera Festival, um evento pioneiro realizado pela UFG. Segundo a responsável pela produção executiva do festival, professora Flávia Maria Cruvinel, a ópera é uma experiência enriquecedora por congregar diversas modalidades artísticas como o canto, a orquestra e o teatro. A professora frisa também que poucas pessoas sabem que Goiânia é um celeiro de cantores líricos. Dessa forma, é importante incentivar no público essa tradição, habituá-lo à cultura da ópera para reter esses talentos em solo goiano.

Così Fan Tutte é uma das últimas óperas de Mozart e teve sua estréia no dia 26 de janeiro de 1790. Trata-se de uma obra cômica a respeito do amor e da fidelidade. Seu nome significa "Assim fazem todas". "Fiquei impressionada com a qualidade do espetáculo, perfeito desde o cenário e figurino, mas, especialmente, o trabalho de corpo, voz e interpretação dos cantores. É uma pena que sejam só dois dias. Deveria haver uma temporada de apresentações, para que mais pessoas conheçam esse trabalho espetacular", disse Maria José Soares que prestigiou a ópera.

O duplo evento, I Goiânia Opera Festival e I Semana do Núcleo de Ópera da Emac incluiu ainda uma semana de fóruns, palestras e oficinas, de 13 a 21 de junho. Além de reforçar a formação de cantores e músicos, teve por objetivo difundir a ópera em Goiânia e enriquecer o cenário cultural da cidade. A valorização dos artistas locais foi, segundo os organizadores, a nobre justificativa para o evento, que contou com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

Além de *Così Fan Tutte*, a Noite das Árias, que abriu oficialmente o evento no dia 13, trouxe interpretações de árias de grandes compositores por cantores líricos goianos. Outro destaque foi a cantora lírica Vanessa Bertolini, que fechou o festival no dia 21. Ela é mestre em Performance Musical – Canto Lírico, pela Emac, especialista em Canto Lírico pela Universidade de Brasília, e bacharel em Regência pela mesma instituição. É uma cantora goiana de destaque nacional, que representa muito bem os anseios de se criar aqui uma tradição de cultura operística e lírica.

Para o pró-reitor de Extensão e Cultura, Anselmo Pessoa Neto, por meio de iniciativas como essa, "a UFG está cumprindo o seu papel de dar condições para que os valores que existem dentro dos seus câmpus tenham visibilidade e a comunidade vai descobrindo o quanto há de bom sendo produzido aqui". Segundo ele, esses espetáculos já compõem a programação do próximo Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão (Conpeex) da UFG, a ser realizado em outubro, e a intenção é levá-los para os câmpus do interior, Catalão e Jataí, dependendo de haver um espaço adequado às perfomances, bem como às cidades turísticas de Pirenópolis e Goiás, com o apoio das prefeituras locais.